

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CAMPUS DO SERTÃO**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**VANESSA DE LIMA CAMPOS**

**“Quero te tocar com meu louvor”**: Tons homônimos e suas representações entre os protestantes pentecostais e batistas do município de Canindé de São Francisco/SE

**Delmiro Gouveia - AL**

**2022**

VANESSA DE LIMA CAMPOS

**“Quero te tocar com meu louvor”: Tons homônimos e suas representações entre os protestantes pentecostais e batistas do município de Canindé de São Francisco/SE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de Graduação em Licenciatura Plena e História da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão, como requisito para obtenção de Licenciatura em História.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia - AL

2022

## FOLHA DE APROVAÇÃO

VANESSA DE LIMA CAMPOS

**“Quero te tocar com meu louvor”:** Tons homônimos e suas representações entre os protestantes pentecostais e batistas do município de Canindé de São Francisco/SE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão – Curso de Licenciatura Plena em História, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História, aprovado em 02 de junho de 2022.

*Sheyla Farias Silva*

Profa. Dra. Sheyla Farias Silva - UFAL (Orientadora)

### **Banca Examinadora:**

*Rodrigo Pereira*

Prof. Dr. Rodrigo Pereira - UFAL

*Pedro André de Sousa Peixoto*

Prof. Me. Pedro André de Sousa Peixoto - SESC/BA

## RESUMO

Este artigo discutiu o cenário da música gospel predominante no Brasil durante a década de 1990, apontando as mudanças significativas na música cristã. Para isso, valemo-nos dos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e da História Oral, entendendo a música, e das entrevistas como fontes históricas para obter informações de sujeitos da época, desde a sua produção à recepção. Para tanto, duas denominações religiosas foram selecionadas para pesquisa oral, a saber, uma pentecostal e outra batista, ambas com raízes tradicionais, porém com aportes musicais distintos. Além disso, foram feitas ponderações a partir de material fonográfico, entendendo que a música está muito além de sua letra. Portanto, suas especificidades são diferentes, mas, como um corpo pode ser escrutinado membro por membro, assim deve ser a música, com o objetivo de chegar à análise de um todo.

**PALAVRAS-CHAVES:** História Cultural; Música Gospel; Protestantes; Percepções; Representações.

## ABSTRACT

This article discussed the prevailing gospel music scene in Brazil during the 1990s, pointing out the significant changes in Christian music. For this, we make use of the theoretical-methodological assumptions of Cultural History and Oral History, understanding music and interviews as historical sources to obtain information from subjects of the time, from its production to reception. For this purpose, two religious denominations were selected for oral research, namely a Pentecostal and a Baptist, both with traditional roots, but with different musical contributions. In addition, considerations were made from phonographic material, understanding that the music is far beyond its lyrics. Therefore, their specificities are different, but with a body a member can be scrutinized, so should the music, in order to arrive at an analysis of a whole.

**KEYWORDS:** Cultural History; Gospel music; Protestants; Perceptions; Representations.

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	05
2	<b>MÚSICA E HISTÓRIA</b> .....	08
2.1	<b>O GOSPEL</b> .....	09
2.2	<b>A MÚSICA E A BÍBLIA</b> .....	13
3	<b>PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO ACERCA DOS LOUVORES ENTOADOS</b> .....	15
4	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	25
5	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	26

## 1 INTRODUÇÃO

A música é um elemento cultural que está presente em uma vastidão de rituais religiosos. Ela rege e marca eventos, festas anuais, datas comemorativas. O historiador, ao se debruçar no mundo musical, tem uma fonte rica de representação da realidade social. Como será tratado no decorrer deste trabalho, a liturgia de um culto cristão, desde os seus primórdios, tem a música como um elemento necessário, pois se tem concepção de que sua fonte é divina. Assim, a experiência religiosa dos indivíduos através das canções adquiriu um caráter vital.

O presente artigo se propõe a apresentar discussões sobre o cenário da música gospel no Brasil na década de 1990, apontando as mudanças significativas na música cristã e através dela. Ele parte de uma perspectiva que entende “música gospel” como música cristã protestante<sup>1</sup>.

Dentro das práticas religiosas do culto cristão, a música se apresenta indiscutivelmente como um dos elementos primordiais. O seu grau de notabilidade é variável ao olharmos o íntimo das múltiplas denominações cristãs. Algumas denominações destinam um tempo bem maior do que outras para entoar canções, por exemplo.

Ponderando acerca da vastidão desse gênero musical, elegi o segmento Pentecostal e o Batista tradicional para “campos de análise” – o campo de análise foi escolhido a partir das segmentações apresentadas na própria clivagem protestante brasileira. Apesar de muitas canções “transitarem” entre ambos, fica evidente a identidade musical distinta que cada um desenvolveu. Assim, além de refletir sobre a relação das canções com a revelação das “Boas Novas”, propus discutir como as mensagens eram assimiladas pelo público evangélico em cada segmento acima proposto e pontuar as percepções dos sujeitos das denominações acima citadas.

Os indivíduos se utilizam da arte para comunicar – de forma verbal ou não verbal – fatos, ideias, sentimentos e percepções individuais ou coletivas do social. Logo, fica evidente que uma composição musical pode transmitir muito mais do que uma emoção e não se resume a “atiçar” um sentimento.

As práticas musicais nos fornecem informações tal como outros quaisquer documentos históricos, de forma a desnudar gostos, costumes, valores e a estética de um grupo de indivíduos. É importante ressaltar que, de forma peculiar, cada grupo social possui suas produções musicais como um caminho de representação e expressividade, de maneira a afirmar sua identidade e sua cultura.

---

<sup>1</sup> Assim, não me deterei em discutir abordagens divergentes sobre o uso do termo para além das “fronteiras” da música cristã protestante. Ademais, o termo se popularizou dentro desse segmento religioso e também “fora” apontando para ele.

Para chegar aos objetivos aventados, fiz uso das noções de representação e práticas culturais de Chartier (2002), que, de forma sintetizada, condiz ou aponta para como os sujeitos enxergam o mundo social.

A percepção do mundo social é produto de uma via dupla em que o objetivo e o subjetivo se cruzam. Evoco, assim, o conceito de simbolismo de Bourdieu (2012), para pensarmos a música gospel como um instrumento de comunicação e construção de uma integração social a partir da reprodução de uma cultura.

Ao possibilitar o historiador a produção de uma história para além da tradicional, a Escola dos Annales, fundada por Marc Bloch e Lucien Febvre, fora o embrião para o nascimento de uma nova tendência historiográfica, que abriu o caminho para a utilização de novos métodos, abordagens e problemas da pesquisa histórica. Porém, da criação da Revista dos Annales ao reconhecimento de trabalhos que se utilizam de fontes orais e sonoras, passaram-se cerca de 50 anos. Somente na década de 80, a História Oral tornou-se reconhecidamente uma aliada da Nova História Cultural e, com isso, ampliou os horizontes de pesquisa.

Vali-me dessa nova definição de História enquanto “ciência dos homens no tempo” – defendida por Bloch (2001) –, que traz o homem para o centro dos estudos históricos e abre um “mar” de possibilidades temáticas e de tratamento das fontes, abertura pela qual os historiadores podem caminhar.

Tomamos posse ainda da visão de História Cultural de Roger Chartier: “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, p.16-17). Logo, não se detém em analisar apenas sua composição, mas também em como essa composição é recebida e modificada pelos sujeitos. “A História Cultural enfoca não apenas os mecanismos de produção dos objetos culturais, mas também os seus mecanismos de recepção [...]” (BARROS, 2005, p. 128). Por conseguinte, a relação interativa entre as práticas e as representações move as pesquisas em História cultural.

Para situar o leitor, esclareço o meu lugar de fala enquanto estudante de História e sujeito pertencente ao meio religioso, além de ser portadora de conhecimentos específicos do vocabulário musical, sem, todavia, ter formação nesta área do saber.

Assim, apoio-me nas ferramentas teórico-metodológicas da ciência – História – e em noções teóricas e práticas da notação musical. Ao que perpassa a minha inquietação particular, ressalto a relevância social dessa produção, que abrange um diálogo entre música e história. Os estudos envolvendo essa relação ainda são poucos, porém em ascensão.

A pesquisa contou com o levantamento bibliográfico correspondente à História Cultural e História Oral. Conteí ainda com teses e dissertações. Além das fontes escritas, utilizei-me da música como fonte histórica e fiz uso de fontes orais. Para a escolha das canções em análise, tive como critério sua popularidade entre o público cristão e o secular e levei em consideração as informações obtidas com as entrevistas realizadas.

Utilizando o método de história oral proposto por Meihy e Holanda – “História Oral: como fazer, como pensar” –, a “História oral é um processo de registro de experiências que se organizam em projetos que visam a formular um entendimento de determinada situação destacada na vivência social” (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 64). Guiada pelos procedimentos metodológicos apresentados por Meihy e Holanda, foram entrevistados indivíduos de duas denominações religiosas protestantes do município de Canindé de São Francisco/SE. O período de levantamento de material oral e escrito se prolongou entre meses dos anos de 2019 e 2020.

Como Meihy e Holanda (2007) realçam, a história oral se firma em uma construção social que engloba a identidade e a memória coletivas dos indivíduos enquanto representantes de uma realidade coletiva.

A expressão gospel transcende a concepção de um gênero musical, pois refere-se à definição de uma cultura gospel. Este trabalho se limita a buscar identificar o que suas produções musicais nos dizem sobre essa cultura em ascensão e sobre seus sujeitos dentro do período supramencionado. Sem descartar as especificidades de cada grupo de indivíduos entrevistados e, a priori, principiando que são participantes de uma mesma identidade social – o protestantismo –, justifico minha escolha dessas denominações pelo consumo e pela produção do mercado musical gospel.

Para tanto, selecionei duas igrejas, a saber: a Igreja Assembleia de Deus Ministério de Perus (ADP) <sup>2</sup>e a Primeira Igreja Batista (PIB), situadas no município de Canindé de São Francisco/SE. A escolha entre os membros deu-se pensando na afinidade musical – alguns fazem parte do Ministério de Louvor –, mas também contou com membros sem tal proximidade com a instrumentação musical, os quais se situam na condição de receptores.

---

<sup>2</sup> O segmento pentecostal é vasto. Nos termos do pentecostalismo enquadrámos a Assembleia de Deus Ministério de Perus.



## 2 MÚSICA E HISTÓRIA

O historiador ou pesquisador da música se depara com uma série de desafios concernentes ao tratamento historiográfico desse objeto. “A questão, no entanto, é perceber as fontes audiovisuais e musicais em suas estruturas internas de linguagem e seus mecanismos de representação da realidade, a partir de seus códigos internos” (NAPOLITANO, 2008, p. 236). É muito comum que as letras das canções sejam abordadas historiograficamente como se fosse uma abordagem da própria canção. Quanto a isso, Barros enfatiza:

Se pretendo estudar a música como tema de pesquisa, devo considerar não apenas a dimensão poética das realizações musicais (das composições, por exemplo), mas sobretudo a dimensão propriamente musical das realizações musicais. Se, como historiador, considero apenas a “letra” de uma música, estou elaborando uma História da poesia cantada, e não propriamente uma História da Música. (BARROS, 2018, p. 27).

Talvez o grande gargalo da análise de fontes musicais tenha sido o isolamento da letra em detrimento de todo o aparato instrumental que entrelaça o conteúdo verbal. O sentido histórico das canções não é comportado apenas em sua letra (NAPOLITANO, 2008, p. 237).

Algo importante a salientar relativamente ao uso da música como objeto de estudo ou como fonte é justamente que o historiador deve possuir conhecimentos do “dicionário” musical:

Uma música (uma composição musical), independente de vir ou não integrada a uma dimensão poética, é uma forma de expressão artística que envolve aspectos diversos como forma, gênero musical, estilo, elementos variados de estética musical, ritmo, melodia, harmonia, timbre, instrumentação, performance, mediação através do intérprete, entre outros mais que poderiam ser citados. (BARROS, 2018, p. 27).

Ademais, a música necessita de um mediador para que possa atingir um determinado grupo social, isso dentro dos aspectos da estética musical adotada por tal meio social. A escrita dela em si – a partitura – não é capaz de sozinha fornecer informações sobre a canção. Como Barros (2018) acentua, a música é uma “arte temporizada”, de modo que uma composição, escrita e interpretada várias vezes por diversos cantores (ou não) e em diferentes períodos de tempo, nunca será “estática”.

Podemos dizer que estas três formas – a partitura, os registros fonográficos em tecnologias e mídias diversas, e a transmissão oral – constituem a tríade principal de fontes que permitem acessar composições musicais específicas, na sua integridade, e relativas aos diversos tempos históricos. São as fontes que trazem aos historiadores uma composição que foi um dia criada e performatizada inúmeras vezes (BARROS, 2018, p. 32).

A música enquanto um objeto cultural é produzida por sujeitos – produtores culturais – e recebida/consumida por sujeitos – receptores –, que, dentro de seus campos de percepção objetivos e subjetivos, produzem seus próprios significados. “Desta forma, uma prática cultural

não é constituída apenas no momento da produção de um texto ou de qualquer outro objeto cultural, ela também se constitui no momento da recepção” (BARROS, 2005, p. 128).

Como aponta Chiménes, os meios de “envios” reprodutores são diversos e requerem atenção ao serem apreciados:

A música oferece um conjunto de investigações particularmente rico, que não se reduz a um criador e a uma obra. Seus mediadores, que são os instrumentos e intérpretes (profissionais e amadores), seus modos de difusão (edição, concertos, discos, rádio, televisão alternando com a imprensa) merecem ser igualmente pesquisados e questionados. (CHIMÉNES, 2007, p. 26).

Diante dessa realidade, Chiménes (2007) faz uma crítica ao que considerou “surdez” por parte dos historiadores e, ao mesmo tempo, enxerga “um processo de cura”, com uma maior atenção para tais possibilidades de pesquisas que esse objeto pode proporcionar.

## 2.1 MÚSICA GOSPEL

Neste tópico, proponho-me, de forma sintetizada, a apresentar a definição, a origem e o uso do termo Gospel na música cristã brasileira protestante, além de elencar as transformações significativas pelas quais a música cristã evangélica percorreu durante a década de 90.

O gospel tem suas raízes na música estadunidense negra. É caracterizado por adotar em suas canções um estilo diferente daqueles que eram habituais no canto cristão vigente.

As raízes desse gênero musical remontam ao final do século XVIII, quando os escravos africanos nos Estados Unidos adaptaram hinos religiosos protestantes e injetaram vários elementos de sua tradição musical, tais como os ritmos sincopados e o padrão pergunta-resposta (CUNHA, 2004, p. 19).

Apesar de já existir um mercado de música religiosa no Brasil nos anos 80, apenas nos anos 2000 foi que o “gospel” passou a ser mais popular para definir a música cristã protestante. Nas décadas anteriores, os hinários e corinhos eram os mais populares dentro das denominações protestantes.

A partir do final do século XX, a música gospel passou a ocupar espaços para além dos ambientes de reuniões cúllicas. Segundo Bandeira (2017), a relação interativa entre a música e o sagrado passou a ganhar “tons” profanos.

Em suma, a música gospel é um gênero musical que mesclou ritmos seculares e a mensagem das “boas novas”. Apesar de estar associada a uma ideia de música contemporânea, o termo gospel, em suas origens, indicava um tipo específico de música, criada em comunidades negras que haviam se convertido ao cristianismo.

Parte minoritária de estudiosos defende que a música gospel deve ser definida como qualquer canção que possui uma temática religiosa, para além de segmentos do cristianismo. O

conceito atual da música gospel brasileira ainda está em disputa se advém de um processo de “continuidade” dos chamados corinhos ou se se serve da influência afro-americana. Os trabalhos das áreas como ciências das religiões, ciências sociais, musicologia e comunicação social apresentam a música gospel brasileira de “forma singular”, sobretudo por questões institucionais. A música gospel “pertence”, em tais termos, a um público religioso específico, apesar de fazer parte de um meio cultural mais abrangente.

Na década de 90, a música gospel brasileira se expandiu de forma jamais vista, pelo processo nominado “Marketing religioso”. Dessa forma, o expansionismo gospel ou a “Explosão gospel”, como definiu Cunha (2007), não teria sido possível, a menos que os movimentos religiosos tivessem se utilizado das mídias. As instituições religiosas evangélicas passaram a investir no mercado musical, e as expressões musicais ganharam novas características, com o objetivo de apresentar esse ou aquele artista “aprovado” pelo mercado. Como aponta Binoti, essa nova performance, com a inserção de novos elementos estéticos:

[...] principais características da música gospel o fato de que: ela Pressupõe que toda música é neutra e que somente a letra torna a música boa ou má; adota todos os métodos encontrados na música artística popular, como o uso de recursos de palco, de luz, de apresentação que é o mesmo de qualquer outro artista secular; é uma música comercial, possui todo o processo de comercialização envolvido na música secular (BINOTI, 2017, p. 86-87).

Como destaca Costa (2011):

Tais práticas musicais, além de fornecer indícios importantes sobre a vida sociocultural dos músicos, também trazem informações sobre as ocasiões em que as bandas se apresentavam, o tipo de público que participou de suas apresentações, qual instrumento utilizado por elas e os gêneros musicais reunidos no seu repertório. Sendo assim, podemos sondar os ambientes, as circunstâncias por onde a música circulava, como ela era apropriada e quais os significados atribuídos a ela. (COSTA, 2011, p.11).

A música gospel brasileira passara a utilizar ritmos alternativos, mesmo aqueles tidos como os da “mais alta profanidade”, tais como o funk e o samba. Suas letras, agora, tinham um tom mais atrevido, com o uso de uma linguagem coloquial. Desde os anos 50 e 60, os pentecostais começaram a adotar novos ritmos e estilos musicais em seus cultos, em cujos ambientes se proporcionou a popularização dos chamados “corinhos”. Os corinhos são caracterizados por uma melodia “empolgante” e verbalizam letras simples e pequenas. Já nos anos 70, a música cristã protestante foi marcada pela criação de conjuntos musicais.

As possíveis motivações seriam o cumprimento do “ide por todo o mundo e pregai o evangelho”, dando, por meio da música, em locais públicos, visibilidade às denominações, além de utilizar a diversidade de ritmos para atrair determinado público. Bandeira (2017) aponta ainda o objetivo de “recuperar” ritmos do meio secular para o sagrado. O musicólogo Mendonça (2014) ressalta que essa é uma relação de “sincretismo de ritmos”, a qual pode provocar uma

difusão de características de conteúdo, de representação e de atuação dentro do culto, de forma que a doutrina e as práticas mais comuns podem ser alteradas no espaço “sagrado” de culto.

Os protestantes missionários estadunidenses encontraram no Brasil um cenário totalmente diferente para implantação do protestantismo, sobretudo porque o Brasil já possuía uma “religião oficial”, que, por quase 400 anos, fixara suas raízes no país. De acordo com Cunha (2004, p. 68), “O anticatolicismo passa a ser uma das grandes características da pregação missionária”.

Preferi, assim, separar as expressões musicais dos sujeitos provindos desse movimento protestante de forma separada. A música católica, em termos de mercado, está em ascensão, mas ainda a curtos passos, se compararmos a música evangélica (*gospel*).

A resistência dos reformadores incluía qualquer expressão cultural de origem pagã. “Os reformadores tinham objeções particularmente contra formas de religião popular, dramatizações populares, canções, danças, imagética, jogos, festas sazonais e, mais especificamente, o Carnaval.” (CUNHA, 2004, p. 68).

Apesar de algumas denominações ainda terem resistência a aceitar determinado estilo, foi notório nos últimos anos a “santificação do profano”, ou, melhor, a adaptação sacra do que era profano. Conseqüentemente, alguns instrumentos musicais também passaram por este processo de agregação.

Entre tantas denominações e linhas teológicas, o pentecostalismo se destacou na década de 80, quando da abertura e da implantação de diversas igrejas que seguiam essa linha teológica.

O pentecostalismo Independente é assim denominado por distinguir-se do Pentecostalismo de Missão. Ambos têm ênfase na dimensão mística e emocional da expressão religiosa, no entanto, enquanto o de Missão tem raízes fora do Brasil e é baseado em um corpo de doutrinas calcadas no batismo do Espírito Santo, na busca de santificação e na ética restritiva de costumes, herdadas, na maioria, de trabalho missionário, o Pentecostalismo Independente é caracterizado pelo surgimento de um sem-número de igrejas autônomas, organizadas em torno de líderes, e baseia-se nas propostas de cura, de exorcismo e de prosperidade sem enfatizar a necessidade de restrições de cunho moral e cultural para se alcançar a bênção divina (CUNHA, 2004, p. 85).

Os anos 90 também foram marcados pelo surgimento da categoria “artista gospel”, devido à consolidação do mercado, e, conseqüentemente, ocorreram avanços em questões profissionalizantes da categoria. “Esse é um componente novo no cenário evangélico dos anos 90, que, até então, se referia aos músicos e intérpretes como cantores, conjuntos e grupos musicais; não artistas” (CUNHA, 2004, p. 148). Dessa forma:

[...] a mídia, o mercado e o entretenimento – indicam que o *gospel* não se restringe a um movimento musical; ele tem, sim, na música um elemento forte, articulador, mas é muito mais do que isso. O que ocorreu nos anos 90 no Brasil foi uma explosão do

gospel como um movimento cultural religioso, de um modo de ser evangélico, com efeitos na prática religiosa e no comportamento cotidiano (CUNHA, 2004, p.144).

Partindo de tal afirmação é que Cunha discorre sobre, além de um gênero musical, a relação com o consumo e o entretenimento. Porém, a música é, sem dúvida, o elemento cultural mais destacado. “A música dá sentido a esse modo de vida religioso não como simples expressão litúrgica, mas como mediação do sagrado” (CUNHA, 2004, p. 145).

A música é um objeto cultural de um “poder” e influência comunicadora peculiar. Não só a sua mensagem, mas esta, associada a um aparato instrumental, pode gerar diversos sentimentos em seus receptores, os quais, por sua vez – é importante frisar –, não são apenas receptores, mas tornam-se produtores culturais. “O que foi acrescentado pelas mais recentes teorias da comunicação é que, ao ler este livro, um leitor comum também está produzindo cultura” (BARROS, 2005, p. 128). Dessa forma, práticas criadoras geram outras práticas criadoras, as quais são de número infinito. Assim, também podemos concluir que, sendo a música uma arte “temporizada”, ela passa por um processo de recriação ao ser interpretada. É claro que uma gravação eternizará aquela forma naquele momento, porém será apenas uma das diversas formas em que esse objeto cultural será apresentado.

Uma das questões levantadas na entrevista oral fora o que determinada canção – escolhida por cada entrevistado – despertava no tocante às emoções. Algumas das respostas foram as seguintes:

“Paz e alegria” (RAMOS, 2020)!

“Ele me lembra justamente a minha infância” (SILVA, M., 2020)!

“Eu sinto a responsabilidade muito grande” (SILVA, C., 2020)!

“Eu sinto mais confiança n’Ele” (SILVA, F., 2020)!

Os dois campos de análise – Pentecostal e Batista – possuem identidades musicais distintas. Basta participar de uma de suas solenidades/ajuntamentos ou assistir a alguma delas que isto será percebido: os estilos das canções, a forma de “apresentação” e o lugar/função do louvor dentro da liturgia.

Em um culto “pentecostal”, é possível notar que não há uma padronização musical em que um ritmo ou uma temática se acentue. Essas igrejas são marcadas pela formação dos chamados “conjuntos” – divididos em senhoras, senhores, jovens, adolescentes e infantes –, que se apresentam em uma liturgia cúllica. Também há o departamento responsável pelo louvor. Ademais, durante a celebração, aqueles que possuem “o dom” para cantar também recebem oportunidades individuais. Não existe uma ordem de apresentação nos cultos; pelo contrário, é sempre variável. Porém, as músicas do hinário são impreterivelmente as primeiras a serem

cantadas. Já em um culto “Batista”, podemos observar que o grupo de “louvor” oficial da igreja é responsável, quase em sua totalidade, por ser o agente transmissor das canções, uma vez que não se adota a prática de formação de conjuntos. Além disso, não pertencentes ao grupo de música da igreja também recebem oportunidades para se expressar com canções.

A música assume uma posição/função central na relação dos sujeitos com o divino e na expressão do sagrado, tendo em vista que, diferentemente de outras culturas que materializam sua religiosidade, denominações protestantes se utilizam sobretudo da arte e de práticas simbólicas para exprimir sua fé.

## 2.2 A MÚSICA E A BÍBLIA

Para entendermos melhor o lugar da música em um culto cristão, partimos da análise primordial descrita na Bíblia Sagrada, compreendendo que as experiências de culto nela contidas influenciam diretamente a mentalidade dos cristãos no que diz respeito à função e ao lugar da música nos cultos contemporâneos.

“O nome de seu irmão era Jubal, que foi o pai de todos os que tocam harpa e flauta” (Gênesis 4.21). Esse trecho é apontado como o primeiro relato bíblico em referência à música.

A Bíblia conta com um hinário, denominado “Salmos”, que contém 150 hinos. Grande parte de suas composições se atribui a Davi, “O Rei Davi”. Podemos perceber que as temáticas podem ser resumidas em: louvor e adoração a YAHWEH, ao exaltar seus atributos; súplicas e orações pessoais. Abaixo, temos o último salmo, que faz menção a instrumentos musicais e a movimentos corporais que apontam para um formato de cultuar e para a utilização necessária desses aparatos.

Aleluia! Louvem a Deus no seu santuário; louvem a Deus no firmamento, obra do seu poder. Louvem-no pelos seus poderosos feitos; louvem-no segundo a sua imensa grandeza. Louvem-no ao som da trombeta; louvem-no com harpas e liras. Louvem-no com tamborins e danças; louvem-no com instrumentos de cordas e com flautas. Louvem-no com címbalos sonoros; louvem-no com címbalos retumbantes. Todo ser que respira louve o Senhor. Aleluia! (SALMOS 150)

Podemos observar a ênfase dada pelo compositor a que o louvor a YAHWEH seja expresso através de instrumentos musicais diversos, com o objetivo de exaltar sua magnificência. Destacam-se, ainda, a adoração em um santuário e a associação da música com expressões corporais. Para além da linguagem verbal cantada, a sonoridade de cada instrumento seria um louvor a YAHWEH.

A Bíblia contém, no livro de 2 Crônicas, capítulo 20, a história de uma vitória milagrosa do povo de Judá – servos do Deus Altíssimo – contra povos inimigos. Na narrativa, os filhos

de Moabe, os filhos de Amom e os meunitas declararam guerra contra o rei Josafá. Ao se deparar com tal cenário, o rei decidiu clamar ao Senhor, que lhe respondeu confirmando a vitória de Judá, sem que acontecesse o confronto físico entre os povos.

Depois de se aconselhar com o povo, Josafá designou os que deveriam cantar ao Senhor. Vestidos de ornamentos sagrados e marchando à frente do exército, teriam de louvar a Deus, dizendo: “Deem graças ao Senhor, porque a sua misericórdia dura para sempre. No momento em que eles começaram a cantar e a dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os do monte Seir que vieram contra Judá, e foram derrotados.” (2 Crônicas 20.21-22).

Nesse episódio, o povo de Judá colocara os cantores e os músicos à frente do exército e tudo o que precisaram fora render adoração a YAHWEH para vencer seus inimigos. Então, podemos concluir que a música tem um poder de provocar uma reação no mundo espiritual<sup>3</sup>.

No livro de 1 Samuel: “E sempre que o espírito mau, enviado por Deus, vinha sobre Saul, Davi pegava a harpa e a dedilhava. Então, Saul sentia alívio e se achava melhor, e o espírito mau se retirava dele.” (1 Samuel 16.23).

O rei Saul é considerado o primeiro rei de Israel, o que marcou o início da monarquia. Até então, Israel era regido por uma teocracia em que a figura do sacerdote também possuía atribuições militares. A Bíblia relata que Saul se desviou dos mandamentos do Senhor e já não possuía sua aprovação, passando a ser afligido por um espírito maligno, devido à sua desobediência e ao seu coração corrompido. Nesse trecho, através da música – o som da harpa –, um espírito maligno se retira, o que traz uma condição de refrigério ao rei atormentado.

Nos três casos de referências bíblicas sobre a música, notamos que é uma prática por meio da qual se acredita tocar o espiritual e, assim, provocar fenômenos sobrenaturais no mundo material, quando usada como instrumento de louvor e adoração a YAHWEH.

A música é apresentada na Bíblia como sendo um marco das experiências vividas pelo povo judeu, seja na adoração no templo, seja em períodos de lamentações ou de alegria<sup>4</sup>, seja de modo coletivo ou individual.

---

<sup>3</sup> É no mundo espiritual que as manifestações de poder (cura, libertação, etc.) são liberadas ao mundo físico. O mover espiritual é “alimentado” mediante a adoração em espírito e em verdade.

<sup>4</sup> Então, Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfou; e lançou no mar o cavalo com o seu cavaleiro (ÊXODO 15.20-21).

### 3 PERCEPÇÕES, REPRESENTAÇÕES E SIMBOLISMO ACERCA DOS LOUVORES ENTOADOS

*“A música é o vínculo que une a vida do espírito à vida dos sentidos. A melodia é a vida sensível da poesia” (Ludwig Van Beethoven).*

Nesta parte, pretendo analisar as respostas dos entrevistados, partindo, a princípio, de qual é a mensagem que a música gospel deve comunicar. Historicamente, dentro do protestantismo, canções foram utilizadas como uma ferramenta essencial na difusão de sua mensagem. O grande nome da Reforma Protestante, Martinho Lutero, atribuiu às suas composições um papel de propagação enorme, tanto que contribuiu para a mudança das práticas musicais nas solenidades cristãs. Para Lutero, a congregação devia participar, e ele adotou uma forma de canção mais simples – o Cantochoão –, que poderia ser cantado de forma uníssona e com arranjos simples para serem entoados por todos. Esses cânticos tinham uma forte influência teológica e eram usados para a educação e para o ensino das “verdades bíblicas”.

Foram entrevistados três membros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Ministério de Perus. O primeiro: Felipe José da Silva Ramos, 30 anos, formado em Arquitetura e Urbanismo. Tem oito anos na fé protestante, desenvolve a função de diácono<sup>5</sup> e exerce a prática da pregação. O segundo: Clemisson Campos da Silva, 22 anos, ensino fundamental completo. Tem cinco anos de vida cristã, desenvolve a função de cooperador e desempenha a prática da pregação. O terceiro: Maria das Dores Ramos do Nascimento Silva, 28 anos, ensino médio completo/magistério autônoma. Desde os 2 anos, conhece o Cristianismo Protestante e permanece nele, participando da música no templo. Foram também entrevistados três membros da Primeira Igreja Batista: Flabiana Vieira da Silva<sup>6</sup>, 26 anos, ensino médio completo, empreendedora e cantora gospel, com dez anos de conversão, participante do conjunto de louvor e adoração. Jane Gomes dos Santos, 44 anos, pedagoga, com 27 anos de vida cristã, desenvolve a função de professora da escola bíblica dominical e é 1ª secretária na igreja, coordenadora do culto infantil e coordenadora do ministério de louvor. Wedna Quirino Santos Silva, 26 anos, ensino superior incompleto, com 18 anos de vida cristã, participa do ministério de louvor.

No que diz respeito à mensagem que a música cristã evangélica deve transmitir, os entrevistados foram unânimes em afirmar o teor cristocêntrico. Ressaltando que a música

---

<sup>5</sup> Do grego *diakonos*, significa servente.

<sup>6</sup> Flabyana Vieira – nome artístico – é cantora e compositora gospel, tendo algumas músicas gravadas, com o CD “Fui Eu Quem Te Chamei”.



gospel tem dois direcionamentos: um seria prestar homenagem/elogios a Deus; e o segundo se concentra em comunicar ao sujeito. Como Ramos (2020) declara:

[...] é Cristo! Ela tem que transmitir a Cristo. E ainda sobre isso, eu tenho a música Cristã como dois tipos - Não sei se essa seria a palavra mais adequada - mas ela é vertical e horizontal. Quando a música cristã, ela é vertical, ela tem um sentido vertical, é de baixo pra cima, esse é o sentido vertical, então... é essa a mensagem, adoração a Ele, é diretamente a Ele. O sentido horizontal, é quando quem está louvando... quando aquela pessoa está cantando um hino, a mensagem vai de encontro aquele que está ouvindo, e mexe em algo ali, em uma transformação, seja uma repreensão, seja um consolo, mas sempre dentro do que foi dito, Cristo cristocêntrica (RAMOS, 2020).

Logo, as canções assumem um papel "mediador" entre o homem e Deus ou entre Deus e o homem. Além de visar, como apontou Hegel sobre a função social da música, desenvolver, de forma coletiva, determinada emoção. "Nesse caso, ela procura produzir sentimentos e não expressá-los" (CUNHA, 2004, p. 146). Poderíamos referenciar que, ao ouvir o hino nacional de seu país, o indivíduo seja instigado a uma emoção patriota, por exemplo.

Silva, F., (2020), de forma mais direta, enfatiza o papel evangelizador das canções, ligado, assim, a transmitir a mensagem que aproxime os sujeitos do sagrado. "Tem que ser evangelismo. Tem que passar o amor de Deus primeiramente e depois trazer mais essa pessoa pra Deus." Uma mensagem cantada pode ser mais facilmente gravada. Logo, o foco evangelizador das canções está em sua função didática. Sua possibilidade de aprendizado é indiscutível.

Silva, M., (2020), ao responder ao questionamento, dá um sentido espiritual ao "toque" das canções nos sujeitos receptores. Mais uma vez, um instrumento de difusão do cristianismo, enquanto estratégia para agregar novos membros.

Transmitir... o Reino! É justamente isso que ela... de quem ela tem que falar, transmitir Jesus na vida das pessoas. Porque Jesus é aquele que toca na alma, Jesus é quem chega lá... outra pessoa não, música não, não é a música em si, mas o que a música trás, sendo ela Jesus, é o que faz alcançar as almas, alcançar quem ouve [...] (SILVA, M., 2020).

Santos (2020) diz: "é provavelmente um, um dos mecanismos mais fortes. Porque todo mundo gosta de música, todo mundo." Além do papel "agregador", a partir da experiência de Ramos (2020), ao pontuar que os hinos de Fernandinho o tem acompanhado desde a conversão, declarando: "me ajudado na caminhada cristã", a música tem um poder que traz ao sujeito uma mentalidade de pertencimento a uma nova cultura. Dessa forma, torna-se um instrumento de ligação, acesso e aceitação não apenas com as práticas e representações daquele grupo, mas também com outros sujeitos que outrora pertenceram a outros grupos culturais. Desse modo, a música apresenta-se como um mecanismo de harmonização entre esses indivíduos.

A citação abaixo evidencia a cooperação de canções em criar e propagar representações que devem ser adotadas dentro de um grupo social. No âmbito do “mundo gospel”, os sujeitos também adquirem padrões de comportamento que os tornam comumente normais e “corretos”, devendo ser seguidos por todos. Barros (2005) enfatiza:

Cantar músicas em um sarau era uma prática cultural da qual participavam os trovadores medievais, que desta forma contribuía para elaborar, através de suas canções, uma série de representações a serem reforçadas ou difundidas (o Amor Cortês, a vida cavaleiresca). Um sistema educativo inscreve-se em uma prática cultural, e ao mesmo tempo inculca naqueles que a ele se submetem determinadas representações destinadas a moldar certos padrões de caráter e a viabilizar um determinado repertório linguístico e comunicativo que será vital para a vida social, pelo menos tal como a concebem os poderes dominantes (BARROS, 2005, p. 134).

Logo, cantar músicas em uma cerimônia religiosa também favorece a continuidade ou descontinuidade de representações do grupo religioso. Tais discursos não são meramente “jogados”, mas munidos de intencionalidade, visando a alcançar interesses preestabelecidos (CHARTIER, 1988). À vista disso, podemos destacar, a partir dos discursos, qual é a imagem que os membros possuem a seu respeito, enquanto protestantes pertencentes a um meio específico, bem como de sua teia social com base nos discursos que acreditam que devem ser apreçados através das músicas.

A música gospel enquanto um produto cultural fora amplamente difundida nos meios de comunicação, sobretudo nas últimas décadas, impulsionada pelo avanço tecnológico, conseguindo atingir, para além de um grupo social, um número maior de consumidores não adeptos do cristianismo. Isso tanto “populariza” representações e práticas da fé cristã protestante como faz que elas sejam apropriadas e ressignificadas. “A passagem de um sistema de representações a outro pode, desde logo, ser entendida simultaneamente como uma ruptura radical (nos saberes, mas também nas próprias estruturas do pensamento) e como um processo feito de hesitações, de retrocessos, de bloqueios” (CHATIER, 1988, p. 52).

Silva, M., (2020) defende que tais mudanças são negativas quando “se trata de falar de Jesus num louvor e as pessoas levarem para um ritmo totalmente diferente”. Ou seja, a difusão da mensagem não deve ser feita utilizando ritmos que seriam inapropriados. Silva, C., (2020) vê como desfavorável o consumo do gospel em espaços “carnais” como o carnaval, o que, segundo ele, distorce o foco da mensagem. Silva, F., (2020), Silva, W., (2020) e Santos (2020) não pontuam como negativa a questão. No que tange a isso, Ramos (2020) aponta que há uma problemática sobre até que ponto essa expansão tem se propagado de forma fiel à mensagem cristã, tendo em vista que o teor cristocêntrico teria dado espaço a uma mensagem antropocêntrica. Inverte-se, dessa forma, a concepção de que o homem precisaria deixar suas práticas culturais e sociais para ser aceito por Deus.

[...] por exemplo, que diz que Jesus ele te ama exatamente do jeito que você é, isso já traz pra mim que sou um ouvinte, não sou um cristão - mas que sou ouvinte - eu vou entender se ele me ama do jeito que eu sou; do jeito que eu estou, então eu não preciso mudar, eu só posso continuar do jeito que eu estou (RAMOS, 2020).

Nos parágrafos subsequentes, poderemos perceber que, dentre as músicas das décadas passadas, metade dos entrevistados fez menção a canções lançadas na década de 90 que os marcaram até a atualidade.

O tema central é a mensagem de salvação do homem. A ideia de peregrinação na terra e a possível proximidade do homem com o criador através da morte vicária de Jesus – o filho de Deus –, que descera do céu para justificar o homem pecador e, por meio de sua morte e de sua ressurreição, “reconciliou” a Deus todos os homens que receberem tal sacrifício. As canções assim apontam para uma representação de Deus enquanto um ser acolhedor que, por amor, se aproximou do homem e o quer para Si na eternidade.

As canções populares no âmbito das experiências religiosas das igrejas pentecostais e batistas são marcadas por uma visão futurista de pós-morte, apesar de que, nas últimas décadas, têm ganhado um teor individual. É comum um intérprete cantar sua própria experiência de vida cristã, como podemos perceber na letra da canção "Sou um milagre", lançada em 1998, da banda Voz da Verdade:

*Aquilo que parecia impossível  
Aquilo que parecia não ter saída  
Aquilo que parecia ser minha morte  
Mas Jesus mudou minha sorte  
Sou um milagre e estou aqui*

Os receptores tomam para si e dão um significado pessoal a canções que seguem esse modelo. É comum que diferentes momentos da vida do sujeito sejam marcados por uma música. Ao escutá-las, é possível rememorar o passado. Desde sua produção, uma música segue as influências da descrição que Barros deu acerca da produção de um livro, por exemplo: “Para a sua produção, são movimentadas determinadas práticas culturais e também representações, sem contar que o próprio livro, depois de produzido, irá difundir novas representações e contribuir para a produção de novas práticas” (BARROS, 2005, p.133-134). Dessa forma, novas representações podem ser geradas sem ter ligação “direta” com as representações iniciais propostas pelo próprio compositor (BARROS, 2005).

Silva, M., (2020), quando fala sobre uma música marcante, afirma: “ela retrata justamente a questão de coisas antigas em que a gente viveu, e que infelizmente não existem

mais.” Na fala ainda aponta um perfil “antigo” de seu grupo religioso: “se tratando da comunhão entre irmãos, da agregação, do carisma, de toda essa questão, antigamente eram, eram bem diferentes de hoje em dia.” A música *Igreja pequena (1993)*, de Cassiane, apresenta um perfil de igreja que perdeu práticas que fortalecem a fé, como a oração; em contrapartida, sente saudades de uma igreja que, no passado, apesar de sua simplicidade, era de oração. Sua mensagem central é “onde está agora aquela igreja?”. Podemos destacar, na canção, simbolicamente a imagem de uma igreja que representa a igreja que “Deus falava”, aquela que não deixou de lado as práticas dos primeiros cristãos.

Ramos (2020) traz sua visão de futuro individual, pós-morte, ao se referir à música *Nenhuma condenação há (1992)*, do cantor Armando Filho, e afirma: “Praqueles que estão em Cristo, praqueles que estão, fazem parte do corpo de Cristo não existe condenação, por fazer parte dele, estarei com ele eternamente.” A música é cantada em primeira pessoa, a qual canta suas dificuldades em se manter na fé e, como quase desistindo, consegue prosseguir, mas tudo se resume à mensagem de justificação, que é uma das doutrinas do Cristianismo. Traz o símbolo do homem pecador que, por si só, não pode fugir da condenação vindoura, mas, com base em *Romanos 8*: “Agora, pois, já não existe nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus”.

Silva, C., (2020) menciona o hino *Cem Ovelhas (1973)*, interpretado por Ozeias de Paula, que faz referência a uma passagem bíblica do livro de Lucas, capítulo 15, que narra uma parábola em que um pastor de ovelhas<sup>7</sup> foi em busca amorosa de uma ovelha que havia se perdido do rebanho, deixando as outras noventa e nove no aprisco. O texto faz alusão à missão principal de um cristão convertido: pregar o evangelho e agregar novas “ovelhas ao aprisco de Cristo”. A música supracitada é, para Silva, C., (2020), um convite à responsabilidade de ser um membro que está constantemente envolvido em evangelizar novas pessoas.

Silva, F., (2020) cita a música *Eu acalmo o mar (2006)*, cantada por Rose Nascimento. Na canção, o intérprete assume a voz de Deus falando com um filho sobre temer diante das dificuldades. Na fala de Vieira (2020), por meio dessa música, Deus é apresentado, em sua experiência pessoal, como aquele que pode resolver qualquer “tempestade”, o que lhe traz um sentimento de confiança ao saber que Ele está presente no “barco”.

Santos (2020) destaca a música *Consagração (1994)*, de Aline Barros, e aponta a necessidade de servir a Deus pelo que Ele é – soberano – e o reconhecimento e a precisão do

---

<sup>7</sup> A ovelha é o símbolo de um “crente” verdadeiramente convertido.

homem em consagrar-se ao um ser tão sublime e digno de adoração. A letra remete a uma oração particular de entrega total do ser e do fazer com notável satisfação e regozijo.

Silva, Q., (2020) indica o hino *Mais perto quero estar (XIX)*, escrito por Sarah Flower Adams, como aquele que, em momentos difíceis, trouxe confiança ao se aproximar de Deus. A letra é uma súplica pela presença de Deus em qualquer circunstância e traz certeza da aproximação final – pós-morte –, que é o grande anseio cantado.

Isso posto, fica evidente, nas músicas mencionadas, o simbolismo do poder divino. Assim referiu-se Bourdieu como poder simbólico: “[...] o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 07-08). Pintamos, assim, um “quadro” apresentado nas canções: de um lado, o poder divino; de outro, a sujeição do homem a esse poder superior.

No que diz respeito à apropriação e à reprodução de ritmos como funk, reggae, pagode, samba, dentro do ambiente sagrado, em um ajuntamento solene, os entrevistados foram unânimes em dizer que, em suas experiências religiosas, ainda é inconcebível. Vejamos o que disse Silva, C., (2020):

Eu acredito que nós não precisamos disso. A minha visão, ao meu ver que nós não precisamos trazer essa modernidade, de funk gospel, balada gospel, nós vemos que... eu já vi até em facebook carnavais gospel, nós vemos que infelizmente, posso dizer isso, infelizmente que nós para...nós falo de um modo geral né... muitos lugares para influenciar os jovens para estar na casa de Deus... eles, jovens que quem sabe pulam carnaval, jovens que gostam de São João aí faz São João Gospel, carnaval gospel, funk gospel, [...] transformando em outros ritmos para que eles possam se divertir e chamar a atenção deles. Mas eu acho que Cristo basta! Nós vemos que quando Daniel tava na Babilônia num foi a Babilônia que influenciou Daniel, foi Daniel que influenciou a Babilônia, José no Egito não foi influenciado no Egito, vejo que no Egito ele se transformou governador do Egito. Então, é, o que está em nós que tem que influenciar os jovens. A isca, a única isca que precisa só é Jesus, nós necessitamos dele, nós não precisamos de carnaval gospel, balada gospel não, nós temos origem (SILVA, C., 2020).

Santos (2020) ressalta ainda:

É, tem a questão do gosto musical e tem a questão cultural também. Exemplo, as favelas do Rio de Janeiro, é cultural o funk lá. As pessoas que se convertem estão acostumadas com aquele tipo de cultura, logo a mensagem vai ser usada naquele, naquele ritmo, e as pessoas vão entender. Mas o funk, ele é muito carregado de [...] sexualidade eu acho né. Eu acho meio difícil você cantar uma música nesse ritmo – funk – e não dançar, então eu acho que, eu acho não, eu acredito que existem os espaços que cabem a determinados estilos. E alguns espaços não vai caber aquilo. Tipo, eu não vou cantar uma música no estilo funk aqui em Canindé de São Francisco na igreja que eu congrego, porque não é a realidade da minha igreja (SANTOS, 2020).

Nas falas acima, podemos perceber que, nas experiências das práticas musicais das denominações mais conservadoras, os sujeitos optam por selecionar ritmos e estilos musicais que não estejam cercados por toda uma imagem “pecaminosa” para serem agregados ao louvor.

Obviamente, como Santos (2020) aponta, culturalmente ritmos como o funk são populares em determinadas regiões, assim sendo comum que as denominações os incluam. Porém, a imagem que se tem do funk e sua performance criou um distanciamento com a chamada “moral cristã”. Logo, em sua realidade de práticas musicais, não se têm espaços para tais gêneros: “eu acredito que existem os espaços que cabem a determinados estilos.” Ramos (2020) defende que a música cristã gospel pode aderir a esses diversos gêneros musicais e o sujeito cristão acolhê-los; entretanto, no ambiente de culto congregacional, não levaria o crente à adoração e não seria adequado. Contudo, “mas fora do culto, sim!”

Eu não só uso o louvor pra tá ali... amém, sim adorando a Jesus, mas eu também posso me divertir, tem louvores que me levam a estar cantando sorrindo, a estar abraçando alguém, a estar pulando, isso também faz parte do nosso meio, então não é aquela coisa fechada, existe a parte que você se alegra, e existe a parte que você espiritualiza, você está ali pra sentir Jesus, para que Ele toque na sua alma [...] (SILVA, M., 2020).

Dessa feita, nas experiências de práticas musicais desses membros da Assembleia de Deus e da Igreja Batista analisados, há, em casos de agregação e práticas em comunidade, um distanciamento para com esses gêneros musicais que possuem sua maior evidência e popularidade em grupos não protestantes; entretanto, não se impõe uma aversão individual. Silva, Q., (2020), em concordância, pontua que, apesar dos ritmos serem de Deus, houve uma deturpação de alguns, trazendo uma imagem de representações avessa à fé cristã.

A escolha pelas músicas cantadas ou instrumentalizadas durante um culto nessas denominações mostra que há uma busca por manter “vivas” canções da chamada Harpa Cristã – para os assembleianos – e canções do “Cantor Cristão” ou corinhos de adoração – para os batistas tradicionais. Assim como as Assembleias de Deus no Brasil, outras denominações também possuem um hinário próprio, mas com diversas canções com melodias em comum; apenas há uma alternância na escrita da letra. Podemos ver abaixo a primeira estrofe de uma música clássica no meio cristão e para além dele e como ela é cantada em duas denominações.

*Senhor, meu Deus, quando eu, maravilhado*

*Contemplo a Tua imensa criação*

*A terra e o mar e o céu todo estrelado*

*Me vêm falar da Tua perfeição.*

*(Harpa Cristã, Hino 526, Grandioso és tu)*

*Senhor meu Deus, quando eu maravilhado*

*Os grandes feitos vejo de tua mão,*

*Estrelas, mundos e trovões rolando,  
A proclamar teu nome na amplidão.  
(Novo Cântico, Hino 026, Ao Deus Grandioso)*

Uma característica desses hinos é o uso poético, com rimas e uma linguagem mais culta, o que vem sendo preservado ao longo de décadas. A Harpa Cristã possui mais de seiscentas composições, escritas em diferentes períodos da história do cristianismo. As primeiras canções que devem ser cantadas em um culto assembleiano são aquelas que estão no hinário. Chega a ser uma espécie de “livro sagrado” de canções.

A menção fiel de trechos bíblicos e doutrinas cristãs tornaram-se mais escassas nas canções. Com o objetivo de atingir o consumo de um público não protestante, novos temas passaram a ocupar um espaço maior nas letras. “Eu acho que a música hoje ela tá sendo muito focada ao ser humano, a nós e não a Deus” (SILVA, Q.,2020). De forma geral, as questões levantadas pelos entrevistados criticam a produção centralizada nas necessidades do homem.

[...] a mensagem antiga ‘pras’ músicas cristãs, elas eram voltadas mais sim a Cristo, por exemplo, se nós formos olhar, se a gente olhar os hinos da harpa - a harpa cristã - a gente vai ver que ali nos hinos dela, são todos direcionados a Cristo, são músicas cristocêntricas, eu tô batendo muito nessa tecla: cristocêntrica. Porque a mensagem ela tem que ser tanto pregada quanto cantada, tem que ser dessa forma. E com o passar dos anos, com a ascensão do gospel, esse momento do gospel crescer, vários cantores surgindo, aparecendo em outros ambientes não cristãos, muitas músicas foram perdendo esse foco, e colocando o homem no centro. [...] onde diz que Deus vai exaltar você, que você vai tá no palco, e isso e aquilo, que você, você, você, quando a Bíblia diz que tudo é dele por Ele e pra Ele são todas as coisas eternamente, amém. [...] No início de minha conversão eu tinha visto muita coisa que tirava Cristo do centro. Hoje, muitos hinos, muitas músicas cristãs tem remetido a isso, principalmente, aquilo que se diz a adoração. Então, nós estamos trazendo esse novo momento, mas o que eu vejo foi isso, o início a gente teve um momento muito cristocêntrico, graças a Deus! No modernismo sim, posso dizer que isso começou no modernismo, com a ascensão da teologia da prosperidade até por esses dias. E agora contemporâneo, nós estamos vivendo um momento melhor na música cristã, músicas de qualidade, tanto em sua letra, quanto em sua melodia. E o mais importante, a letra. São músicas cristocêntricas, estamos me parece que estamos tirando um pouco o homem do centro e colocando Jesus no seu devido lugar uma outra vez novamente (RAMOS, 2020).

Santos (2020) salienta:

[..] há uma diferença assim, gritante. Vamos lá! Acho que vou demorar um pouquinho nessa resposta. Olhe, quando eu me converti, a minha conversão foi nos anos 90. Nos anos 90, estava em digamos em alta as músicas tocadas, cantadas de autoria de Asafe Borba, de Ademar de Campos. Saindo daquele período onde nas igrejas a gente só cantava as músicas do Cantor Cristão, a harpa cristã né, enfim. E aí ele trouxe tipo uma roupagem diferente, eles trouxeram, esses corinhos, alguns deles mais ritmados e também adentrou alguns instrumentos na igreja que não eram utilizados. Passou a bateria e mais outros instrumentos. Que antes era mais o quê? Ou violão ou um piano. Tinha igreja que tinha um piano ou órgão [...]. Então, a gente foi é entrando um pouquinho mais com esses, com esses elementos ‘pros’ cultos. De lá pra cá a gente foi tendo outros cantores, ficando assim muito em evidência, Aline Barros que veio saiu da Comunidade Vila da Penha e começou a cantar sozinha e outros grupos que

apareceram depois já acho que, acho que em 2000. É nos anos 2000 [...]. De 2001 em diante aqueles ministérios de louvor: Diante do Trono e outros que nasceram. Ai o que aconteceu, até aí [...] até parece que eu sou bem velha fazendo esse apanhado, mas né não. O que que acontece, agora a gente tá vivendo um tal de movimento worship, num é isso? Que nada mais é que uma palavra em inglês que significa adoração. E nada mais é do que a mesma intervenção feita por Asafé Borba, por Ademar de Campos e outros que vinheram, é porque a gente tem mania de pegar as coisas do exterior e colocar e parecer que é novo e não é. Se bem que a ambientação nas gravações é diferente que o movimento Worship faz [...] O que é que acontece, essas músicas do movimento Worship eu tenho parado um pouco para analisar e conversar até com o ministério de louvor, parece que as letras, algumas delas não estão muito, muito ... fazendo uma análise teológica, não estão muito ligada ou com muita base bíblica, algumas delas né. Mas, se a gente for fazer uma análise nesse sentido outras de outras épocas a gente encontra músicas que fazendo a análise teológica foge um pouco daquilo que o texto bíblico tá falando né. Ou não tem uma base bíblica mesmo. Então eu acho que as letras das músicas precisam ser repensadas nesse sentido. Eu preciso cantar o que a Bíblia diz sobre Deus, eu preciso cantar o que a Bíblia fala sobre Jesus, sobre salvação, sobre adoração, enfim eu acho que as músicas do cantor cristão, eu mesma gosto muito delas, mas como elas também foram escritas em um período que a forma de falar, de emprego de palavras a gente não usa mais, aquelas palavras muito rebuscadas, ai a gente vai e fala na igreja o pessoal não vai entender, não sei o que lá *resoluto*: “mas o que é resoluto? O que é que aquele povo tá falando? “Entendeu? Então acho que nesse sentido também a gente poderia até fazer uma roupagem diferente, uma análise, não sei se é possível se pode fazer, interferir um pouco na letra. O hinário pra o culto cristão tem um pouco disso já. A gente tem o cantor cristão e o hinário para o culto cristão que foi feito uma mudança em algumas palavras que eram mais usadas no século passado, não agora, então eu acho que nesse sentido (SANTOS, 2020).

Nessa fala, podemos perceber um discurso que se tornou comum em muitas denominações. Tal crítica levou líderes a “proibirem” que determinadas músicas gospel fossem cantadas na igreja. A exemplo da música *Sabor de mel* da cantora Damares:

*Quem te viu passar na prova e não te ajudou  
Quando ver você na benção, vão se arrepender  
Vai estar entre a plateia e você no palco  
Vai olhar e ver Jesus brilhando em você*

Estamos diante de apenas um exemplo muito popular e conhecido no meio cristão. Uma música que fez muito sucesso e alcançou um público “extracrente”. Hinos como os da harpa cristã, com característica de uma letra mais extensa e um conteúdo explicativo sobre o que seria a fé cristã e seus fundamentos, mesmo regravados com uma roupagem rítmica “nova”, não conseguem atingir o mercado gospel nem se popularizar. A música voltada para suprir a necessidade do homem e voltada para ele mesmo é indiscutivelmente a mais cotidiana. Silva, M., (2020), ao falar sobre as letras das canções, menciona um modelo que pode ser problematizado com o seguinte questionamento: o que faz uma música ser classificada como gospel e quais os critérios para ser aceita por um grupo protestante? Seria uma letra sobre experiências pessoais acrescidas a um trecho bíblico?



A mensagem que a música cristã deve transmitir de forma geral [...] acho assim que quando a gente se propõe a fazer ou colaborar de alguma forma: primeiro a gente já tem que ter esse compromisso, essa comunhão com Deus e aí sim a gente vai poder transmitir algo né. Então, primeiro tem que ser a vivência mesmo, tipo o que eu vivo será transmitido na música. Então a mensagem de salvação, a mensagem de paz, a mensagem de libertação (SANTOS, 2020).

Para Santos (2020), o sujeito – intérprete – deve transmitir através da música a sua comunhão com Deus, e só um sujeito salvo<sup>8</sup> pode tê-la. Dessa forma, os receptores serão alcançados de maneira eficaz. Logo, a forma como será a “entrega” do produto influenciará diretamente a resposta de seus receptores. Para ficar mais claro, por exemplo: a prática de levantar a mão durante o momento de louvor; ou mesmo pular; ou, ainda, visto com mais ênfase, o levantar a voz dizendo: ‘glória a Deus...Aleluia’, sobretudo em cultos pentecostais, como um sinal de que a igreja está entendendo que há um mover espiritual durante o cântico. Além disso, em volta dos músicos, recai toda uma imagem de representação dos chamados “Levitas<sup>9</sup>”, que, no antigo testamento, serviam no templo e que, entre outras funções, ministravam o cântico – estes são os mais conhecidos instrumentistas e cantores. Como Barros (2005) aponta:

As noções complementares de “práticas e representações” são bastante úteis, porque através delas podemos examinar tanto os objetos culturais produzidos como os sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem a produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos, e por fim as normas a que se conformam as sociedades quando produzem cultura, inclusive mediante a consolidação de seus costumes (BARROS, 2005, p. 135).

Portanto, as práticas musicais ligam os sujeitos receptores e produtores, que, assim, mantêm uma linguagem coletiva ativa dentro do grupo, estabelecendo e mantendo novas práticas e representações, comunicando cultura “[...]em um emaranhado de atitudes e gestos no qual não é possível distinguir onde estão os começos [...]” (BARROS, 2005, p. 133). Apesar das dessemelhanças doutrinárias, os sujeitos de diferentes denominações compartilham valores e costumes. A música tem o poder de transitar e receber ressignificações em diferentes espaços, mesmo quando o gosto difere. Porém, “Partindo das abordagens tecidas por Chartier, consideramos a história cultural como um processo de interação entre diferentes culturas, onde cada grupo se define em contraste com os outros, mas cria seu próprio estilo cultural.” (COSTA,

---

<sup>8</sup> “Quem crer e for batizado será salvo; quem não crer será condenado” (Mc 16.16). É considerado salvo aquele que crer no sacrifício de Cristo na cruz como suficiente para reconciliar o homem pecador com Deus. Logo, os sujeitos que confessam a Cristo em comunidades/denominações

<sup>9</sup> “E quando todos os Levitas que eram cantores, isto é, Asafe, Hemã, [...] com címbalos, harpas, e liras, e com eles até cento e vinte sacerdotes que tocavam trombetas” (2 Cr 5.12).

2011, p. 07). Ou seja, um mesmo produto cultural pode contribuir de forma particular a partir das representações que cada grupo de antemão possui.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É inegável que a música enquanto fonte histórica fornece um vasto leque de informações que perpassam o tempo de sua construção. Desde a sua produção, interpretação e recepção, poderíamos abarcar diversos sujeitos em uma telha que sofre mudanças e provoca mudanças.

A música é um discurso que detém um poder de memorização insigne. As práticas musicais são, por assim dizer, forças estimulantes na formação de ideias e valores que representam um grupo cultural. De maneira eficaz, comunica padrões e provoca sentimentos em seus receptores, tornando-os mais suscetíveis à aceitação, e impulsiona a suas práticas.

Foi possível perceber que, apesar da diversidade da música gospel, os meios protestantes analisados possuem padrões semelhantes, não existindo um distanciamento vultoso. Porém, a ADM – PERUS segue priorizando o “som pentecostal”, enquanto a PIB, um “som de adoração”. Cada denominação possui o seu perfil próprio ao realizar essa prática musical: a mensagem que deve ser cantada, seu ritmo, seus acompanhamentos, o porte dos intérpretes, os instrumentos de difusão e sonorização e mais tantos outros elementos para que se alcance o objetivo do culto ou do momento para com seus receptores. Logo, como foi notório nas falas dos entrevistados, as restrições sobre quais músicas devem ser entoadas em congregação não invalidam seus gostos musicais distintos que são praticados de forma privada.

Por fim, as práticas musicais são um campo vasto de pesquisa para o historiador, apesar de suas fragilidades. A música não é um elemento que foge às análises historiográficas; está longe de ser apenas um objeto de deleite e admiração. A sua comunicação cria e transmite cultura e, à medida que ela seja ecoada e recebida, ela também se transforma e transforma.

## 5 REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Olivia. Música gospel no Brasil – reflexões em torno da bibliografia sobre o tema. **Religião & Sociedade** [online]. 2017, v. 37, n. 2 [Acessado 13 maio 2020], pp.200-228. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n2cap08>>.
- BARROS, José D’Assunção. História e Música – considerações sobre suas possibilidades de interação. **História & Perspectivas**, Uberlândia (58); 25-39, jan./jun. 2018.
- BARROS, José D’Assunção. **A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier**. Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira Almeida, Edição Revisada e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011. 1664p.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira Almeida, Edição Revisada e Atualizada no Brasil. 3ª ed. Barueri – SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. 1400p.
- BINOTI, Janete Jâne. A música pentecostal: um estudo de caso na sede da igreja Assembleia de Deus de Brusque, Santa Catarina. **Revista Unitas**, v.5, n.1, 2017.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1989.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História: ou Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CALDAS, Rebeca dos Santos. **Indústria Fonográfica Gospel: A produção de Música Religiosa dentro das Estratégias de Mercado**, 2007.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CHIMÉNES, Myriam. “**Musicologia e história: fronteira ou terra de ninguém entre as duas disciplinas?**”. In: Revista de História. São Paulo: USP, nº157, 2º semestre de 2007. pp. 15-30.
- COSTA, Edson Ramos de Oliveira. **O que é Música Gospel? O conceito de Mediação na Análise de uma Nova Categoria de Produtos Culturais**. Intercom, 2016.
- COSTA, Manuela Areias. **Música e História: Desafio analítico**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, julho 2011.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad e Instituto Mysterium, 2007.
- LIMA, Lurian José Reis da Silva. **Por uma História Cultural da Música: Conflitos sociais e simbólicos no horizonte do músico historiador**. Opus, v. 25, n. 1, p. 72-93, jan./abr. 2019.
- MENDONÇA, Joêzer de Souza. **O gospel é pop: música e religião na cultura pós-moderna**. São Paulo, 2009.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; BARBOSA, Fabíola Holanda. **História oral: como fazer, como pensar.** – 2. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

PINSKY, Carla. **Fontes históricas.** 2.ed., 1ª reimpressão, - São Paulo: Contexto, 2008.

SILAS, Parmelo. **A Reforma Protestante e a Música.** Fides Reformata XXIII, nº 1, 2018, p.19-33.

WAZLAWICK, Patrícia; CAMARGO, Denise de and MAHEIRIE, Kátia. **Significados e sentidos da música: uma breve "composição" a partir da psicologia histórico-cultural.** *Psicol. estud.* [online]. 2007, vol.12, n.1.

## FONTES ORAIS

RAMOS, Felipe José da Silva. Entrevistado por Vanessa de Lima Campos em 14/06/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Clemisson Campos. Entrevistado por Vanessa de Lima Campos em 14/06/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Maria das Dores Ramos do Nascimento. Entrevistada por Vanessa de Lima Campos no dia 14/06/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

SANTOS, Jane Gomes. Entrevistada por Vanessa de Lima Campos em 28/08/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Wedna Quirino Santos. Entrevistada por Vanessa de Lima Campos em 14/08/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

SILVA, Flabiana Vieira. Entrevistada por Vanessa de Lima Campos em 03/04/2020. *In. Biblioteca da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.* Delmiro Gouveia – Alagoas.

## FONTES DIGITAIS

MAIS PERTO QUERO ESTAR. Letras, 2022. Disponível em <<https://www.letas.mus.br/harpa-crista/450231/>> acesso em 18 de maio de 2022.

EU ACALMO O MAR. Letras, 2022. Disponível em < <https://www.letas.mus.br/rose-nascimento/679336/>> acesso em 7 de maio de 2022.

CONSAGRAÇÃO. Letras, 2022. Disponível em < <https://www.letas.mus.br/aline-barros/44039/>> acesso em 7 de maio de 2022.

NENHUMA CONDENAÇÃO HÁ. Letras, 2022. Disponível em <<https://www.letas.mus.br/armando-filho/354319/>> acesso em 06 de maio de 2022.

IGREJA PEQUENA. Letras, 2022. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/cassiane/1260430/>> acesso em 06 de maio de 2022.

CEM OVELHA. Letras, 2022. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/ozeias-de-paula/537207/>> acesso em 06 de maio de 2022.

SABOR DE MEL. Letras, 2022. Disponível em

<<https://www.letras.mus.br/damares/1222709/>> acesso em 02 de abril de 2022.

GRANDIOSO ÈS TU. Letras, 2022. Disponível em <<https://www.letras.mus.br/damares/1222709/>> acesso em 06 de abril de 2022.

SOU UM MILAGRE. Letras, 2022. Disponível em < <https://www.letras.mus.br/voz-da-verdade/213372/>> acesso em 03 de janeiro de 2022.

**APÊNDICE A**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Felipe José da Silva Ramos, portador do RG nº 21755515, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 14/06/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

A assinatura manuscrita de Felipe José da Silva Ramos, escrita em tinta azul, está sobre uma linha horizontal preta.

Felipe José da Silva Ramos

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Boa tarde!

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Boa tarde!

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Gostaria que você se apresentasse.

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** é ... me chamo Felipe, sou residente da cidade de Canindé de São Francisco; sou formado em Arquitetura e Urbanismo, já a alguns anos, e exerço a profissão. Sou cristão, cristão protestante, são quase 10 anos desde que me converti até o dia de hoje.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual é a igreja que você congrega?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Assembleia de Deus Ministério de Perus.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok! Qual o papel e/ou a função que você desempenha na igreja que você congrega?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Hoje eu sou cooperador na igreja ... principal hoje que eu exerço é esse, mas algumas outras atividades a gente acaba ajudando.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Agora nós vamos partir para primeira pergunta em relação ao tema sobre música ... que é ... Das músicas ou hinos mais antigos, tem algum específico que você gosta mais de ouvir?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** São alguns! Mas...um que tem me chamado (nó na garganta), bastante atenção ultimamente, tenho ouvido muito ele é: Nenhuma condenação há.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Certo! E qual é a mensagem que esse hino lhe transmite?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Exatamente essa, como o título diz. Praqueles que estão em Cristo, praqueles que estão, fazem parte do corpo de Cristo, não existe condenação, por fazer parte dele, estarei com ele eternamente, estarei farei parte de todo, de seu reino.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** O que você sente ao escutar esse hino? E você poderia citar algum trecho que, você até citou né, algum trecho que lhe marcou bastante?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Pode repetir? Por gentileza.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Primeiro... o que você sente ao escutar esse hino? E depois você pode citar algum trecho, do hino que lhe marcou, que que vem a mente mesmo.

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Paz e alegria. Exatamente pelo que o no... o título do hino diz. Que não há condenação, não há condenação pra quem estar em Jesus. Essa é a parte que mais chama a atenção. Não só por ser o título. Mas por ser uma verdade absoluta... na Bíblia. Não só na Bíblia porque algo. Eu tenho a Bíblia como verdade absoluta pra tudo, então se lá afirma isso, se ela afirma isso, e se a canção está afirmando isso baseado no que a Bíblia diz, então o sentimento é de paz, é de felicidade, é de alegria.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pronto. Se você tivesse que escolher um ritmo musical qual seria?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** (...) de tantos ritmos e estilos musicais existentes no nosso meio agente também tem, no, no meio gospel. Acaba até sendo uma pergunta difícil pra mim. Porque eu gosto de um, de uma pegada pop rock, mas também gosto de algo como um mpb, até como, por exemplo eu gosto do Fernandinho, Fernandinho ele tem uma pegada... pouco pop, pop rock, ao mesmo tempo que a são hinos de adoração. Do MPB, lembra-se também um pouco do estilo do da música do hino que eu citei “Nenhuma condenação há”, assim como outros do Palavra Antiga, que também tem essa, esse ritmo essa pegada mais puxada para MPB. Mas que no final de tudo conduz a uma coisa a adoração.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** A próxima pergunta também tem a ver com o que você falou né. Se você se inspira ou tem simpatia com algum “artista gospel”? Caso sim, quem?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Mais uma vez agente, eu... eu me encontro com alguns. Eu gosto muito do Fernandinho, desde o início de minha conversão, desde que Cristo me converteu, os hinos do Fernandinho têm me acompanhado muito, tem até posso dizer: me ajudado na caminhada cristã, Mas também tem o Paulo Cezar se não me engano, do Logos, grupo Logos. É um grupo que eu conheci recentemente, então é um grupo antigo que eu conheci recentemente, são... Paulo, ele tem umas músicas mais lentas, mas voltadas pra um MPB, só que o estilo musical, a letra em si é o que importa, a letra em si é o que importa pra mim. Desde



que ela tenha, seja voltada a Cristo, seja uma letra cristocêntrica e não egocêntrica, pra mim já está valendo tudo, cristocêntrica, Cristo no centro.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pronto. E a sexta pergunta, acredito eu que você já respondeu né, que... qual é a mensagem que a música Cristã gospel deve transmitir de forma geral?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** É exatamente essa que eu acabei de falar: é Cristo, ela tem que transmitir a Cristo. E ainda sobre isso, eu tenho a música Cristã como dois tipos. Não sei essa seria a palavra mais adequada, mas ela é vertical e horizontal. Quando a música cristã, ela é vertical, ela tem um sentido vertical, é de baixo pra cima, esse é o sentido vertical, então...é essa a mensagem, adoração a Ele, é diretamente a ele. O sentido horizontal, é quando quem está louvando, quando aquela pessoa está cantando um hino, a mensagem vai de encontro aquele que está ouvindo, e mexe em algo ali, em uma transformação, seja uma repreensão, seja um, um consolo, mas sempre dentro do que foi dito, Cristo, cristocêntrica.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Certo... Durante algum tempo a música cristã esteve reservada apenas a espaços ditos sagrados. Atualmente ela ocupa espaços visto antes como profanos. E na sua opinião essa expansão da música gospel teve pontos positivos ou negativos, ou os dois?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Os dois. Eu acredito que os dois. Eu enxergo os dois. E porque eu falo isso, quando ela é cristocêntrica só vejo pró, só vejo o ponto positivo. Quando ela é cristocêntrica, ela anuncia a Cristo, ela anuncia a obra de Cristo as grandezas de criador, é tudo pró. Mas aí quando a gente vê músicas egocêntricas, por exemplo, que diz que Jesus ele te ama exatamente do jeito que você é, isso já traz pra mim que sou um ouvinte, não sou um cristão - mas que sou ouvinte - eu vou entender se ele me ama do jeito que eu sou; do jeito que eu estou, então eu não preciso mudar, eu só posso continuar do jeito que eu estou. Mesmo que aquilo vá de encontro ao que as escrituras dizem, então é o pró e o contra que eu vejo nessa situação. Contanto que seja cristocêntrica, tudo bem.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok... em relação ao hibridismo de gêneros do gospel, de gêneros musicais. Por exemplo, hoje nós temos o funk gospel, pagode gospel, samba gospel, e tantos outros. Então houve um, um processo de sacralização, na verdade desses gêneros que eram considerados profanos, e eles não eram tocados nas igrejas. Então, qual é a sua opinião a estes serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Não concordo. Não que não possa existir música cristã com todo esse, essa diversidade. Pode se ter, eu citei agora a pouco que eu gosto do pop rock, até do rock mesmo, o rock cristão, mas pra o ambiente de culto, não dá certo, não dá pra eu chegar cantar, é eu não não né, mas os irmãos estarem lá cantando é, umas músicas do oficina g3 por exemplo, as que tem uma pegada de rock mesmo, não dá, num ambiente de culto, não tem como eu adorar, não tem como isso acontecer. Mas fora do culto, sim. Estou na minha casa, gosto de um cavaquinho, e a música cristã tá remetendo a Cristo, glorificando a Cristo, tá falando bem (risos), por assim dizer, eu posso ouvir em casa, posso ouvir com os amigos, mas pra o ambiente de culto, não.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pronto. Última pergunta. Quais ou qual a diferença que você aponta nas mensagens das músicas mais antigas, ‘pras’ cantadas hoje nos cultos?

**Entrevistado [Felipe José da Silva Ramos]:** Ótimo, ótimo... tiveram algumas mudanças, eu não sou tão velho assim como cristão, mas eu gosto de ouvir um pouco do antigo eu gosto de ouvir um pouco do moderno e agora do contemporâneo, posso citar dessa forma. [...] a mensagem antiga ‘pras’ músicas cristãs, elas eram voltadas mais sim a Cristo, por exemplo, se nós formos olhar, se a gente olhar os hinos da harpa - a harpa cristã - a gente vai ver que ali nos hinos dela, são todos direcionados a Cristo, são músicas cristocêntricas, eu tô batendo muito nessa tecla: cristocêntrica. Porque a mensagem ela tem que ser tanto pregada quanto cantada, tem que ser dessa forma. E com o passar dos anos, com a ascensão do gospel, esse momento do gospel crescer, vários cantores surgindo, aparecendo em outros ambientes não cristãos, muitas músicas foram perdendo esse foco, e colocando o homem no centro. [...] onde diz que Deus vai exaltar você, que você vai tá no palco, e isso e aquilo, que você, você, você, quando a Bíblia diz que tudo é dEle por Ele e pra Ele são todas as coisas eternamente, amém... No início de minha conversão eu tinha visto muita coisa que tirava Cristo do centro. Hoje, muitos hinos, muitas músicas cristãs tem remetido a isso, principalmente, aquilo que se diz a adoração. Então, nós estamos trazendo esse novo momento, mas o que eu vejo foi isso, o início a gente teve um momento muito cristocêntrico, graças a Deus! No modernismo sim, posso dizer que isso começou no modernismo, com a ascensão da teologia da prosperidade até por esses dias. E agora contemporâneo, nós estamos vivendo um momento melhor na música cristã, músicas de qualidade, tanto em sua letra, quanto em sua melodia. E o mais importante, a letra. São músicas cristocêntricas, estamos me parece que estamos tirando um pouco o homem do centro e colocando Jesus no seu devido lugar uma outra vez novamente.

**APÊNDICE B**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Maria das Dores Ramos do Nascimento, portadora do RG nº 3688552, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 14/06/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

A assinatura manuscrita de Maria das Dores Ramos do Nascimento, escrita em tinta preta, apresenta uma caligrafia cursiva e fluida.

Maria das Dores Ramos do Nascimento

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Das músicas ou hinos mais antigos, você poderia citar algum que você gosta de ouvir bastante?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Ah, eu gosto daquele da “Igreja pequena”. “Igreja pequena onde Deus falava “(cantando). Eu amo esse hino.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual é a mensagem que esse hino lhe transmite?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** ela retrata justamente, a questão de coisas antigas em que a gente viveu, e que infelizmente não existem mais. Não se tratando de Jesus porque ele permanece o mesmo, se tratando da comunhão entre irmãos, da agregação, do carisma, de toda essa questão, antigamente eram, eram bem diferente de hoje em dia.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** E o que você sente ao escutar esse hino? E você pode citar mais uma vez um trecho que lhe marcou bastante?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Ele me lembra justamente a minha infância, que foi logo quando minha mãe iniciou né a frequentar a igreja, eu tinha meus 03 anos de idade, foi onde também eu comecei entoar louvores na igreja, e é justamente isso que me lembra, daquela, daquele, daquela comunhão, daquela agregação de todo mundo junto, eu pequenininha no meio de tanta gente grande, e a parte é mais uma vez essa: “igreja pequena, onde Deus falava”. Esse... trecho penetra muito, que é o que eu me recordo dessas questões, de tudo quanto acontecia.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Certo. Se você tivesse que escolher um ritmo musical, qual seria?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Ritmo musical... eu sou do... eu gosto da...de letra forte, letra calma, eu gosto mais desse ritmo calmo também que faz tocar a alma das pessoas.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** É... continuando, você se inspirou ou tem simpatia por algum artista gospel? caso sim, quem?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Eu gostava muito dos hinos de Rose Nascimento, é bem conhecido, Cassiane... é um grupo de nascimento na realidade (risos), que

eu costume até dizer que são meus parentes, só pela questão do sobrenome, mas esses mais antigos tem Shirley Carvalhais, que eu também gosto; atualmente tem Bruna Karla, que são letras fortíssimas também, e acho que por vários aí, os outros.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** pronto. De forma geral, na opinião, qual é a mensagem que a música gospel deve transmitir?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Transmitir... o Reino! É justamente isso que ela... de quem ela tem que falar, transmitir Jesus na vida das pessoas. Porque Jesus é aquele que toca na alma, Jesus é quem chega lá, outra pessoa não, música não, não é a música em si, mas o que a música trás, sendo ela Jesus, é o que faz alcançar as almas, alcançar quem ouve, quem a ouve né.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. Durante algum tempo a música cristã... esteve reservada apenas a alguns espaços, que eram tidos como sagrados, a exemplo da igreja, o templo. Atualmente ela ocupa outros espaços que eram vistos como profanos também né. Em sua opinião essa expansão da música gospel teve pontos negativos, positivos ou os dois?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Ela, ela chega a ser positivo, pelo fato de... de que fazem com que as pessoas a ouçam, né. Que não é aquela coisa mais fechada, a igreja, ou a ambiente, uma casa ouvindo, e sim a todo mundo. E negativa quando se trata de falar de Jesus num louvor e as pessoas levarem para um ritmo totalmente diferente, que não justamente não cola Jesus nesse ritmo, não tô dizendo porque Jesus ele é romântico ou que Jesus é pagodeiro ou coisa do tipo, mas é que é totalmente diferente, você falar de Jesus é pra sentir, você sente quando fala de Jesus, quando você muda um ritmo falando de Jesus em um outro tipo de ritmo você não tem a mesma sensação, você não sente o mesmo... prazer de estar ouvindo aquele louvor, aquela música. E é isso...

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. Então em relação a esse hibridismo de gêneros musicais que você até citou agora. Por exemplo hoje nós temos funk gospel, pagode gospel, samba gospel... então houve esse processo de sacralização desses gêneros musicais, que antes eram profanos. E... na sua opinião, esses ritmos, podem ser tocados, ou devem ser tocados em uma liturgia cúltica?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Eu acho que não tem problema. Desde então ele não esteja agredindo a igreja, porque o louvor ele é mais dito como na igreja é que se ouve, e se está ouvindo de uma outra forma, não agredido Jesus, eu não vejo problema

algum. E principalmente é uma demonstração de que o crente, o evangélico ele também se diverte, né. Eu não só uso o louvor pra tá ali... amém, sim adorando a Jesus, mas eu também posso me divertir, tem louvores que me levam a está cantando sorrindo, a está abraçando alguém, a está pulando, isso também faz parte do nosso meio, então não é aquela coisa fechada, existe a parte que você se alegra, e existe a parte que você espiritualiza, você está ali pra sentir Jesus, para que Ele toque na sua alma, até se tratando de algo que você está precisando e um louvor ele traz isso, assim como até música romântica, se você estiver triste e ouvir uma música romântica, ela vai fazer com que você chore, porque ela tá tocando nos seus sentimentos. Então o louvor, se trata disso falando de Jesus, é sempre profundo e tocar naquilo que você está carente de ouvir. Jesus está ali, justamente pra chegar com providência né, pra mudar aquela situação.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Certo. E a última pergunta agora: Qual ou quais as diferenças que você aponta nas mensagens das músicas mais antigas pras que são cantadas hoje nos cultos?

**Entrevistado [Maria das Dores Ramos do Nascimento]:** Aí entra praticamente as mesmas coisas, porque antigamente os hinos eles eram né, feitos e tal, você... você ouve falar de Jesus, é hino que chega pra retratar de fato Jesus e hoje em dia não, eu trato Ele mais como a minha vida, eu posso escrever um hino tratando da minha vida né, eu tô falando de Jesus? não eu tô falando da minha vida, mas não deixa de ser um hino, e dentro desse louvor eu vou acrescentar obviamente uma letra de... de qualquer outro tipo de música pra acrescentar porque também se torna bonito. Eu posso colocar uma palavra, na parte da Bíblia, e também acrescenta. Mas é diferente que antigamente você ouvia mais Jesus nos hinos e hoje em dia você não ouve tanto quanto.

## APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Clemisson Campos da Silva, portador do RG nº 36087190, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 14/06/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

A assinatura manuscrita de Clemisson Campos da Silva, escrita em tinta azul, sobre uma linha horizontal.

Clemisson Campos da Silva

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos] :** É ... Das músicas ou hinos mais antigos, você poderia citar um que você gosta de ouvir?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** É, cem ovelhas de Ozéias d’Paula, muito bom, hinos de Luís de Carvalho, hinos antigos, hinos bíblicos, com versos bíblicos no meio e que tocam nossos corações até os dias de hoje.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos] :** Qual a mensagem que esse hino que você citou, de Ozéias, num foi isso?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** É, sim.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual...qual é nome?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Cem ovelhas.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Cem ovelhas. Qual a mensagem que ela lhe transmite?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Nós vemos que esse hino de Cem ovelhas de Ozéias d’Paula, que é um... um texto bíblico que está em Lucas capítulo 15 que fala sobre as coisas perdidas, como a Dracma perdida, ovelha perdida, Filho pródigo, e... ali canta aquele hino falando a respeito do Ide, falando a respeito de... do pastor deixando as suas 99 ovelhas para buscar a ovelha que se perdeu. E trazendo aos nossos dias de hoje, trazendo a reflexão que é um hino que sempre podemos dizer isso mesmo para fazer o ide, fazer o chamado que Jesus deixou para nós: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho” e esse hino nos leva a refletir isso, de deixar as 99 que estão bem no aprisco, guardadas, sendo alimentadas, para buscar essa que está aflita.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pronto. O que você sente ao escutar esse hino?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Eu sinto a responsabilidade muito grande. É um hino bastante antigo, acho que é um hino... eu ainda não tinha nem nascido e esse hino lembro que como nasci num berço evangélico escutava muito esse hino antigamente, e escuto até os dias de hoje e vejo que é um hino que nos leva a refletir, é um que nos leva a... se importar mais, a dá mais importância a uma alma, a uma pessoa e ao Reino de Deus.



**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Você poderia citar algum trecho que lhe marcou?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** É... desse mesmo hino?

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Desse hino mesmo, isso.

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** É... Ele fala começando que eram cem ovelhas dentro do aprisco, aí faltava uma que o amante cuidou. E nós vemos que nós como cristãos tem a responsabilidade, de buscar ovelhas para Casa de Deus, e quando essa ovelha se converte, que passa tempos na Casa de Deus às vezes chega a esfriar... chega a se abater por alguma coisa e sai. E com isso nós temos que ir atrás, temos que ir buscar ela. Aí nessa parte ele diz que eram Cem ovelhas dentro do aprisco, é e depois e lhe faltava uma que o amante cuidou, ou seja, ele se preocupou com esta ovelha que se perdeu, amém?

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Se você tivesse que escolher um ritmo musical, qual seria?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Hinos de adoração.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. Você se inspira ou tem simpatia por algum artista gospel? Se sim, quem?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Sim, muita por... pelo Fernandinho. Tem... os hinos dele... gosto de Hinos muito cristocêntricos, sabe. Que tenha palavras bíblicas no meio, versículos bíblicos, e gosto muito dos hinos que ele ministra, canta.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Na sua opinião qual a mensagem que a música gospel deve transmitir de forma geral?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Eu acho que a palavra que venha tocar aos corações, uma palavra direcionada pelo espírito, uma palavra de consolo de reflexão, e sobretudo palavras cristocêntricas, nós sabemos que no evangelho, que as boas novas, Cristo é o centro de tudo, e... eu acho que focado nisso, focado... falando na salvação, em palavras de ânimo que Jesus tem pra nos dar, como ele mesmo disse que era a vida eterna.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. Durante algum tempo a música cristã... esteve reservada apenas a alguns espaços, ditos sagrados, a exemplo da igreja... templo. Atualmente ela ocupa outros espaços. Em sua opinião essa expansão da música gospel tem pontos positivos ou negativos ou os dois?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Eu posso dizer que os dois. Nós vemos que alguns hinos que nós introduz em nossas igrejas, nos nossos cultos cotidianos, nós vemos que, infelizmente por uma parte estão sendo usadas é... para outros tipos de festas, como eu já vi tocando em carnavais, já vi tocando ne... festas mundanas, e as pessoas se divertem com aquilo, mas não escutando, a letra, não escutando aquilo que Deus quer falar, mas só que... escutando o ritmo e se divertindo com aquilo né, e se divertindo de outra forma e não da forma que Cristo queria. E a segunda que eu acho é que algumas pessoas mesmo não sendo cristão né eles usam em algum lugar porque gostam de escutar hinos mais calmo, é como muitos de nós diz: “tem pessoas que são tão boas, mas só falta ser crentes” né. E essas pessoas elas ouvem esses hinos e se alegram, e eu creio que através disso Deus pode fazer a obra.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. Em relação a esse hibridismo de gêneros musicais. por exemplo hoje nós temos funk gospel, pagode gospel, samba gospel. Então houve esse processo de sacralização de alguns gêneros musicais que antes eram tidos como profanos e não eram tocados nas igrejas. Qual a sua opinião em relação a estes serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** Eu acredito que nós, nós não precisamos disso. A minha visão, ao meu ver que nós não precisamos trazer essa modernidade, de funk gospel, balada gospel, nós vemos que... eu já vi até em facebook carnavais gospel, nós vemos que infelizmente, posso dizer isso, infelizmente que nós para...nós falo de um modo geral né... muitos lugares para influenciar os jovens para estar na casa de Deus... eles, jovens que quem sabe pulam carnaval, jovens que gostam de São João ai faz São João Gospel, carnaval gospel, funk gospel, com... os hinos levando eles mais levando eles mais... transformando em outros ritmos para que eles possam se divertir e chamar a atenção deles. Mas eu acho que Cristo basta! Nós vemos que quando Daniel tava na Babilônia num foi a Babilônia que influenciou Daniel, foi Daniel que influenciou a Babilônia, José no Egito não foi influenciado no Egito, vejo que no Egito ele se transformou governador do Egito. Então, é... o que está em nós que tem que influenciar os jovens. A isca, a única isca que precisa só é Jesus, nós necessitamos dele, nós não precisamos de carnaval gospel, balada gospel não, nós temos origem.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok! Qual a diferença ou quais as diferenças que você aponta nas mensagens das músicas mais antigas para que são cantadas hoje nos cultos?

**Entrevistado [Clemisson Campos da Silva]:** É... eu sinceramente gosto muito dos nossos hinos dos dias de hoje, também dos hinos antigos é... eu vejo muitos hinos antigos, hinos

missionários, hinos com pessoas que eram mais quebrantadas, pessoas que parece que sentia gozo, desejo de fazer aquilo, de cantar aqueles louvores, adorando a Deus, é...verdadeiramente que os hinos de antigamente, podemos dizer que tem mais letra do que o de hoje. Sim, letras com versículos bíblicos e eu vejo nos dias de hoje que nós temos muitos hinos de adoração, eu louvo a Deus até por isso que nos dias de hoje tem muitos hinos de adoração, e é um ritmo que eu gosto, hinos que adoram a Deus.

**APÊNDICE D**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Flabiana Vieira da Silva, portador do RG nº 2062693907, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 03/04/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

*Flabiana V. da Silva.*

Flabiana Vieira da Silva

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** A primeira pergunta é seguinte: Das músicas ou hinos mais antigos qual você gosta mais de ouvir?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Rose Nascimento. Tem que dizer o nome da música?

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pode ser?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** É Rose Nascimento ... ai meu Deus...

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pode ser um trecho da música.

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** É... deu branco... eu gosto da música EU ACALMO O MAR de Rose Nascimento.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual a mensagem que essa música lhe transmite?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Hum... ela me transmite, um Deus que pode tudo.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** E que você sente ao escutá-la?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Eu sinto mais confiança nEle.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Você pode citar algum trecho?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** A parte que ela diz: “Eu acalmo o mar, não temas oh meu filho eu vim te ajudar, sou seu porto seguro podes confiar eu sou mar do... eu sou mar que tudo, então pra que temer ? eu estou com você.”

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. A próxima pergunta é: Se você tivesse que escolher um ritmo musical, qual seria?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** [...] tecnobrega – não eu acho que pop gospel.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Você se inspira ou tem alguma simpatia com algum artista gospel? Caso sim, quem?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Sim. Vanilda Bourdiere.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Na sua opinião qual a música gospel/cristã deve transmitir?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Tem que ser evangelismo. Tem que passar o amor de Deus primeiramente e depois trazer mais essa pessoa pra Deus.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Durante algum tempo a música cristã esteve reservada apenas a alguns espaços, ditos sagrados, a exemplo dos templos. Atualmente ela ocupa outros espaços que antes eram tidos como profanos. Na sua opinião essa expansão da música gospel tem pontos positivos, negativos ou os dois?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Assim, quando a música se trata, é tipo, um alto ajuda é um ponto positivo né também... eu não vejo a música gospel como um ponto negativo não. Porque sempre traz uma autoajuda, sempre uma conversa do cantor com Deus, sempre assim... não vejo ponto negativo não.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. Em relação ao hibridismo de gêneros musicais. Por exemplo, hoje nós temos funk gospel, pagode gospel, samba gospel. Houve um processo de sacralização desses gêneros, eles antes não eram tocados nas igrejas. Qual a sua opinião em relação a estes serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Então né, tem igreja que aceita esse ritmo, eu não tenho nada contra, até gosto de ouvir, mas tem igreja que não aceita, mas eu acho legal, tá falando de Deus só mudou o ritmo... não tem nada haver não.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. E na sua opinião qual a diferença que você aponta nas mensagens das músicas mais antigas para músicas atuais?

**Entrevistado [Flabiana Vieira da Silva]:** Eu percebo que as músicas antigas tinham mais unção... como é que eu posso dizer? Uma letra que tocava mais. É tanto que até... tem... até hoje se você tiver ouvindo uma música atual e de repente passar para uma música antiga, o crente sempre vai dizer, ou alguém vai dizer: “Meu Deus eita que essa música tocou muito num sei o que”. Eu acho que a música antiga tinha mais um, um toque na gente, eu não sei explicar direito.

**APÊNDICE E**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Jane Gomes dos Santos, portador do RG nº 1200580, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 28/08/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

Assinatura manuscrita em tinta azul de Jane Gomes dos Santos.  
Jane Gomes dos Santos

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Das músicas ou hinos mais antigos qual você gosta mais de ouvir?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Nossa... músicas ou hinos mais antigos...é... tipo cantor cristão, harpa cristã ou corinhos né...

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Das músicas mais antigas, anos 90, 80...

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Ao único... ao único que é digno; consagração, Aline Barros que canta. hum... tem mais viu. De... de Ademar de Campos: Grande é o Senhor

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Dentre elas...

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Que eu gosto mais?

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Você separaria assim?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Consagração.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Consagração?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** É.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual a mensagem que ela lhe transmite?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** A música Consagração é uma música de adoração né. Agente vai... agente vai... é... na letra reconhecendo a... a necessidade de... de servir a Deus em... e o adorar pelo que Ele é. A música Consagração assim eu acho belíssima.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. O que você sente ao escutar essa música? E você pode citar algum trecho que lhe marcou ou lhe marca?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** O que eu sinto... sinto uma paz muito grande. E o trecho eu vou lembrar viu... deixa eu lembrar... Lembrar o início dela “ ao rei dos reis consagro tudo o que sou “(cantando) [...] acho que esse finalzinho mesmo quando começa a fazer aquela parte da adoração “ A honra, a glória e o poder” (cantando) que é o o reconhecimento mesmo da soberania de Deus então é... é divino.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. E se você tivesse que escolher um ritmo musical, qual seria?



**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** [risos] nossa... essas músicas no ritmo de adoração mesmo, né. Porque depende muito do local. Em casa eu gosto de ouvir o pop rock, mas na igreja não é o estilo de música que eu prefiro cantar né. Essas mais agitadas não, gosto mais de adoração mesmo, mais tranquilas as baladas.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Você se inspira ou tem empatia por algum artista gospel?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Nívea Soares. [risos] Só pode citar uma?

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Pode citar mais.

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Nívea Soares, Aline Barros, é acho que só. Tem outros que a gente gosta né mais, mas eu me identifico bastante com o estilo dela.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** E na sua opinião que a música cristã gospel deve transmitir de forma geral?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** A mensagem que a música cristã de transmitir de forma geral [...] acho assim que a [...] quando a gente se propõe né a, a fazer o colaborar de alguma forma: primeiro agente já tem que ter essa.. essa esse compromisso é essa comunhão com Deus e aí sim a gente vai pode transmitir algo né. Então a... a primeiro tem que ser a vivência mesmo, tipo o que eu vivo será transmitido na música né. Então a mensagem de salvação, a mensagem de... de... de paz, a mensagem de libertação, então acho que [...].

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok! A próxima pergunta é a seguinte: Durante algum tempo a música cristã gospel esteve reservada a alguns espaços que eram tidos como sagrados. Atualmente ela ocupa outros espaços. Em sua opinião essa expansão da música gospel teve pontos positivos, negativos ou os dois?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Ocupa outros espaços? Como seriam esses espaços? Não sei se eu entendi.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Por exemplo, antes essas músicas eram tocadas apenas nas igrejas – os espaços sagrados – hoje ela é tocada em qualquer outro espaço...

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** sim, sim. Eu estou lembrando da música de [...] como é o nome dele? Aquele que canta: “como Zaqueu”, que em todo canto essa música era tocada, mas em todo canto mesmo

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** De Reges Danese.

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** É de Regis Danese. Eu acho assim, que a palavra de Deus ela precisa ser transmitida e a música é [...] é provavelmente um, um dos mecanismos mais fortes. Porque todo mundo gosta de música, todo mundo. Então essa, essa possibilidade de, de da música adentrar em tantos outros espaços pra que a mensagem do evangelho também de certa forma chega né, tudo depende do coração, se está disposto a receber ou não, então eu vejo como ponto positivo né, que a mensagem está sendo tocada cantada.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok! A Próxima pergunta é: Em relação ao hibridismo de gêneros musicais. Por exemplo hoje nós temos: funk gospel, pagode gospel. Houve esse processo de sacralização desses gêneros que eram profanos. Na sua opinião... qual a sua visão em estes gêneros serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Agora você... Rapaz isso é muito, é... mas como é pessoal né a resposta, então vamos lá. É, tem a questão do gosto musical e tem a questão cultural também. Exemplo, as favelas do Rio de Janeiro, é cultural o funk lá. As pessoas que se convertem estão acostumadas com aquele tipo de cultura, logo a mensagem vai ser usada naquele, naquele ritmo, e as pessoas vão entender. Mas o funk, ele é muito carregado de [...] sexualidade eu acho né. Eu acho meio difícil você cantar uma música nesse ritmo – funk – e não dançar, então eu acho que, eu acho não, eu acredito que existem os espaços que cabem a determinados estilos. E alguns espaços não vai caber aquilo. Tipo, eu não vou cantar uma música no estilo funk aqui em Canindé de São Francisco na igreja que eu congrego, porque não é a realidade da minha igreja, então, [...] repita a pergunta pra ver se eu consegui chegar ao ponto.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Qual a sua opinião em estes serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** Não acho interessante que sejam tocados (risos).

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** E a última pergunta é [...] qual a diferença que você aponta entre as mensagens das músicas mais antigas em relação as que são tocadas ou cantadas hoje?

**Entrevistado [Jane Gomes dos Santos]:** hum...eu acho que há uma diferença assim, gritante. Vamos lá! Acho que vou demorar um pouquinho nessa resposta. Olhe, quando eu me converti,

a minha conversão foi nos anos 90. Nos anos 90, estava em digamos em alta as músicas tocadas, cantadas de autoria de Asafe Borba, de Ademar de Campos, saindo daquele período onde nas igrejas agente só cantava as músicas do Cantor Cristão, a harpa cristã né, enfim. E aí ele trouxe tipo uma roupagem diferente né, eles trouxeram, que são esses corinhos, alguns deles mais ritmados, e também adentrou alguns instrumentos na igreja que não eram utilizados né, passou a bateria e mais outros instrumentos. Que antes era mais o que? Ou violão ou um piano, tinha igreja que tinha um piano ou órgão [...]. Então, agente foi é entrando um pouquinho mais é com esses, com esses elementos ‘pros’ cultos. Ai você quer saber as letras das músicas né isso? Ai hoje atualmente, sim ai de lá pra cá agente foi tendo é outros, outros cantores, ficando assim né muito em evidência né, Aline Barros que veio com, saiu da Comunidade Vila da Penha e começou a cantar sozinha e outros grupos que apareceram depois já acho que, acho que em 2000, é nos anos 2000, na primeira década de 2000 [...], de 2001 em diante aqueles ministérios de louvor: Diante do Trono e outros que vinheram. Ai o que aconteceu, até ai [...] até parece que eu sou bem velha fazendo esse apanhado, mas né não. Aí o que que acontece, agora a gente tá vivendo um tal de movimento worship, num é isso? Que nada mais é que uma palavra em inglês que significa adoração. E nada mais é do que a mesma intervenção feita por Asafe Borba, por Ademar de Campos e outros que vinheram, é porque a gente tem mania de pegar as coisas do exterior e colocar e parecer que é novo e não é. Se bem que a ambientação nas gravações é diferente que o movimento Worship faz [...] Ai o que é que acontece, essas músicas do movimento Worship eu tenho parado um pouco para analisar e conversar até com o ministério de louvor, parece que as letras algumas delas não estão muito, muito ... fazendo uma análise teológica, não estão muito ligada ou com muita base bíblica, algumas delas né, mas se a gente for fazer uma análise nesse sentido outras de outras épocas agente encontra músicas que fazendo a análise teológica foge um pouco daquilo que o texto bíblico tá falando né. Ou não tem uma base bíblica mesmo. Então eu acho que as letras das músicas precisam ser repensadas nesse sentido né. Eu preciso cantar o que a Bíblia diz sobre Deus, eu preciso cantar o que a Bíblia fala sobre Jesus sobre salvação, sobre adoração né, enfim eu acho que as músicas do cantor cristão, eu mesma gosto muito delas, mas como elas também foram escritas em um período que a forma de falar, de emprego de palavras agente não usa mais né, aquelas palavras muito rebuscadas, ai a gente vai e fala na igreja o pessoal não vai entender, não sei o que lá resoluto: “mas o que é resoluto? O que é que aquele povo tá falando? “ Entendeu? Então acho que nesse sentido também a gente poderia até fazer uma roupagem diferente, uma análise, não sei se é possível se pode fazer, interferir um pouco na letra, é o hinário pra o culto cristão tem um pouco disso já. Agente tem o cantor cristão e o hinário para o culto cristão que foi feito uma

mudança em algumas palavras que eram mais usadas no século passado né, não agora, então eu acho que nesse sentido.

**APÊNDICE F**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CAMPUS DO SERTÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

Canindé de São Francisco/SE, 04 de maio de 2021

Vanessa de Lima Campos;

Eu, Wedna Quirino Santos Silva, portador do RG nº 65000740, residente na cidade de Canindé de São Francisco, tendo compreendido o que me foi informado sobre minha participação e tendo clareza dos meus direitos, declaro para os devidos fins que autorizo o uso integral de entrevista gravada no dia 14/08/2020 a discente Vanessa de Lima Campos, estudante de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão, para trabalho de conclusão de curso e a uso sem restrições de prazo. Assim, concedo o uso de forma incondicional.

Wedna Quirino S. Silva

Wedna Quirino Santos Silva

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** A primeira pergunta é a seguinte: Das músicas ou hinos mais antigos qual você gosta mais de ouvir?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Tem uma música, ela é bem antiga sabe? Nem sei, acho que ela é centenária. É a aquela Mais pero quero estar.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** E qual é a mensagem que essa música lhe transmite.

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** É uma mensagem de, de aproximação né, como a própria música diz “mais perto quero estar”... de ti. E assim é uma música que me traz assim a é um sentimento de segurança, de... de confiança né. Deus, daquilo que Deus faz né, nos momentos difíceis também da minha vida é uma mensagem muito forte que eu me apego né eu fico mais confiante quando eu escuto.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. A terceira pergunta é a seguinte [...]. O que você sente ao escutar essa música? E você pode citar algum trecho que lhe marcou?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Sim. Como eu disse eu sinto segurança né, ela expressa essa, essa mensagem assim e é muito profunda. Ela é uma letra simples, mas profunda né, quando a gente para pra ouvir e assim diante do da sua vida e do que acontece na sua vida né, você consegue sentir a profundidade da música né... tem uma parte que diz: “Sei que ei de suplicar, mais perto quero estar, mais perto quero estar de ti”. E assim, ela me aproxima, eu não porque depende né, e tem outra parte que fala da solidão né, que muitas vezes eu me sinto muito solitária assim, e eu tenho vencido muito isso, e quando eu escuto isso me deixa , me deixa confortável ne, me deixa segura.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Ok. A quarta pergunta é a seguinte: Se você tivesse que escolher algum ritmo musical qual seria?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Eu escolheria o pop rock (risos). É assim eu acho que esse estilo de música né esse ritmo ele foi muito adotado né na, principalmente na minha igreja a Batista... é um dos ritmos mais tocados hoje né atualmente.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. Você se inspira ou tem simpatia por algum artista gospel?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** É “artista”. Sim! Não porque querer parecer né, porque eu acho que nesse meio cristão a gente não pode né querer parecer com a pessoa em

si, a expressão, falas né, a gente tem que ser único. Assim eu, eu admiro muito uma cantora chamada Nívea Soares né, pela voz também, uma voz linda né, e assim não por el...querer ser igual a ela, claro que não, mas a sinceridade que ela passa né, a sinceridade que ele transmite né ao cantar e ao falar sobre a sua fé né isso me inspira... faz com que a gente entenda que não é algo de brincadeira né não é brincadeira não é assim qualquer coisa que eu quero mostrar que sei fazer e tô fazendo, mas algo verdadeiro, né algo profundo né então ela me passa isso uma fé verdadeira, um jeito muito único de expressar sua fé isso me faz admirá-la, não querer ser parecida com ela.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** Na sua opinião qual a mensagem que a música gospel cristã deve transmitir de forma geral?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** É de forma geral? A mensagem é o amor né. O amor, não é um amor qualquer, o amor – a graça do Senhor – que é um favor imerecido né, é um presente que eu, nem eu nem você merece, mas esse amor ele foi, é demonstrado de uma forma tão grande e incondicional né, que é o amor. Acho que essa mensagem é a que tem ser transmitida – a graça – o amor de Deus, o favor de Deus, o presente de Deus pra nós. Porque muitas vezes essas mensagens elas tem muito... muitas vezes eu percebo em algumas letras né, eu percebo assim muito tipo “eu, eu, eu”, né muito, muito direcionada a pessoa ao ser humano, muitas vezes a nossa vida vitória que a gente... costuma passar muito isso “você é um vencedor”, sim eu creio: nós somos vencedores. Mas assim, a mensagem que a música gospel tem que transmitir, tem que passar é o amor de Deus né que é acima de todas as coisas, acho que é não se é em Tiago, não sei, que fala que Deus nos amou com muito amor né ele não nos amou “com amor” mas foi com “MUITO amor”, então assim esse amor ele tem que ser realmente passado, tem que ser transmitido nessas letras, a gente tem que aproveitar essas oportunidades...

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. Durante algum tempo a música cristã esteve reservada apenas a alguns espaços que eram tidos como sagrados. Atualmente ela ocupa outros espaços que antes eram vistos como profanos. Em sua opinião a expansão da música gospel teve pontos positivos, negativos ou dois?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Eu acho que... bom até agora eu consigo ver a música gospel né como algo positivo. Porque assim, como cristã, como cristã, não prego religião, mas como cristã, eu acho que essa é uma maneira de transmitir a palavra, então a gente não pode ver como algo negativo [...], sempre nós cristãos a gente tem que ver isso como algo

positivo. Como aproveitar né esses momentos onde a música gospel tá tendo espaço né que eu acho que... atualmente tá sendo o momento mais né que a música gospel tá tomando esse espaço, que até as pessoas que não , como é que eu posso dizer ? os católicos são cristãos também né , mas eu falo do gospel né , eles aderem a essas músicas né o.. o... o próprio... as próprias pessoas né do mundo aderem a essas músicas e é muito importante a gente tem que ver como algo positivo e aproveitar e passar a mensagem certa eu acho.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. Em relação ao hibridismo de gêneros músicas. Por exemplo hoje nós temos funk gospel, pagode gospel, samba gospel, etc. Houve um processo de sacralização desses ritmos que antes não eram tocados certo? Qual a sua opinião em estes ritmos serem tocados em uma liturgia cültica?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Assim é... bom, acho que é em salmos que diz: “tocai com harpa, com é com todos os ritmos né”. Eu acredito que os ritmos são é, foi algo dando né por Deus então eu acredito que seja algo de Deus né, só que assim existe, existiu essa deturpação né dos ritmos, essa... foram utilizados uns ritmos pra situações não legais né, prostituição ... bom eu tô falando isso dentro do meu do meu contexto cristão né , talvez outras pessoas tem outras visões de ritmos e de como ele deve ser utilizado e o ambiente, mas é... eu não gosto muito do funk. Eu acho que o funk ela, ele por si só ele gera é, acho que isso é meio que inconsciente sabia? Porque por tanto agente ouvir o funk transmitindo o é mensagens diferenciadas né do... do que do cristão agente já associa a algo ruim, e mesmo que o ritmo tenha uma mensagem cristã talvez levará aquela pessoa a dançar de forma, como é que eu posso dizer? Eu não sei é só uma visão (risos), mas assim eu acho que esse é o ritmo que eu não gosto muito, que talvez né... se for tocado em alguma igreja possa é fazer com que um irmão queira dançar de forma errada , não que dançar seja errado, mas é as expressões , sei lá, não sei se eu respondi mas é isso aí, não gosto muito.

**Entrevistador [Vanessa de Lima Campos]:** ok. A última pergunta é a seguinte: Qual a diferença que você aponta ou as diferenças que você aponta nas mensagens das músicas que eram cantadas a alguns anos/décadas nos cultos para as que são cantadas hoje?

**Entrevistado [Wedna Quirino Santos Silva]:** Qual a diferença que você acha que ...? sim. A mensagem que tá sendo passada, que passava antes e hoje né? Sim eu acho que antes, a mensagem era mais falada realmente sobre o amor, a graça, eu considero a graça o amor né. Eu, eu acho que antes era cantado mais isso sobre a graça, sobre salvação né, hoje nossas letras ela tem sido muito focada a nós né, como eu posso citar algumas músicas, alguma música? Tipo



o impressionante, impressionante amor de Deus né, é uma música linda, é uma música perfeita né, só que a gente tem que ter, principalmente nós cristãos dentro do contexto cristão a gente tem que ter uma visão e um sentido dessa música. Muitas vezes a gente canta “oh impressionante amor de Deus, é...as noventa e nove... deixou as noventa e nove pra me buscar, só pra me buscar, não posso comprá-lo nem merecê-lo mesmo assim se entregou”. Sim! Você se considera a ovelha perdida ou as noventa e nove? Na verdade, essa música, ela tem que ser cantada ‘pras’ pessoas que estão perdidas, porque muitas vezes a gente tá muito focado em nós né. Eu acho que eu, eu vejo, não que essa música seja uma visão egoísta, não! Mas a visão que a gente tem que ter é que, nós somos as noventa e nove, nós já estamos inclusos ali né, no cuidado, mas aquela que tá perdida, é aquele irmão, aquela pessoa que tá lá fora que a gente julga, que a gente de certa forma não quer trazê-la ao nosso meio né, então assim eu acho que a mensagem em si da, eu acho hoje tem que continuar sendo a graça, eu acho que a gente em que deixar de focar na nossa vitória, sabe? ... é porque assim, não sei se eu tô falando demais, mas assim a nossa vitória, ela já foi conquistada. A nossa vitória, nós já temos a vitória, tudo que precisamos, já temos porque ela, porque essa vitória já foi conquistada lá na cruz né. Então assim, muitas vezes essas músicas elas... elas são muito focadas a nós, é a nosso bem-estar, nossa vitória e tal, mas a gente tem que focar no amor de Deus, na graça de Deus que ela vai alcançar né, a outros. Eu sei que muitas músicas elas nos edificam, nos fortalece, mas eu acho que a gente precisa focar mais nessa, nessa graça né de... de... de cristo, no amor de Deus que tem que alcançar as outras pessoas porque nós já fomos alcançados e eu acho que a gente tem que deixar de focar muito no nosso eu e de... e fazer com que a graça ela seja transmitida né, porque nós já temos essa vitória, é isso. Eu acho que a música hoje ela tá sendo muito focada ao ser humano, a nós e não a Deus, assim você entende né, compreende o que eu quero dizer.